

# Causas e causos de um juiz do interior



## *Tributo ao Desembargador Ayrton Maia*

**PRECISÃO**  
CONSULTORIA  
[www.precisaconsultoria.com.br](http://www.precisaconsultoria.com.br)

**Francisco & Associados**  
**Maia &** Consultoria em  
soluções de conflitos

**Causas e causos  
de um juiz do interior**

Tributo ao Desembargador

**A y r t o n M a i a**

---

---

**PRECISÃO**  
CONSULTORIA

*Francisco & Associados*  
*Maia &* Consultoria em  
soluções de conflitos



*Ayrton, você foi para mim meu pai, minha mãe, amigo, companheiro e amante.*

*Por você eu era paparicada vinte e quatro horas por dia, sempre com um sorriso e sem reclamar de nada: sua partida deixou um vazio em minha vida que jamais será preenchido.*

*A saudade e dor que sinto não tem remédio que cure. Você foi amigo de todos, sempre pronto e com boa vontade para ajudar as pessoas que precisavam. Lutou durante mais de três meses com a doença sem nunca reclamar.*

*Esperou só a nossa querida filha Cláudia tomar posse como Desembargadora, que era seu maior sonho, e mesmo com dificuldade compareceu à solenidade e colocou se colar do Mérito Judiciário.*

*Nós vivemos, entre namoro e casamento, mais de cinquenta anos juntos e sempre muito bem.*

*Sabíamos que éramos felizes junto aos nosso dois filhos queridos e quatro netos maravilhosos.*

*Ayrton, você foi e sempre será meu eterno namorado.*

*Beijos de saudades*

*Laura Aparecida Guedes Maia*



## Sumário

Apresentação	9
Parte 1: Casos do Desembargador	13
O caso das galinhas	15
Máquina de matar formiga	16
O amor de Margot	17
O italiano “Comendador”	18
Eta dobrado bom	19
Colisão de automóveis	20
O passeio do gado	21
Calças curtas	23
A tentativa de morte de um caminhão	24
A panela do macarrão	25
A briga conjugal	27
Evaristo, o escrevente cuidadoso	28
O Júri do fazendeiro	29
O inquilino pai-de-santo	32
O Coronel Delegado	34
O escrivão mais potente	36
A tradução das <i>Catilinárias</i>	38
O soldado que foi reclamar do cabo	40
O cristão que brigou com Cristo	42

Parte 2: Máximas do Dr. Ayrton	45
Parte 3: O Mercado Central	49
Livro sobre o Mercado Central - <i>Fernando Brant</i>	51
Artigo na <i>Gazeta Mercantil</i>	55
Notícia do <i>Jornal do Mercado</i>	57
Nota na Coluna Ana Marina	58
Livro/tese sobre o Mercado Central - <i>Eduardo Costa</i>	60
Parte 4: Depoimentos	63
Parte 5: Artigos	109
O juiz integral - <i>Rogério Tolentin</i>	111
Ayrton Maia: sinônimo de ética - <i>Décio Freire</i>	114
Ayrton Maia - <i>Antônio Orfeu Braúna</i>	116
Blog do Jorn. João Carlos Amaral - <i>Padre Wagner Portugal</i>	118
Nota biográfica	121
Referências	123

# **Apresentação**



No ano de 1996, após quase 50 anos de dedicação à magistratura, nosso pai aposentou-se como Desembargador, restando a preocupação em nossas mentes, pois não poderíamos deixar um homem com tanto vigor físico e atividade intelectual substituir a beca pelo pijama.

Foi assim que ele começou a freqüentar diariamente o escritório de seu filho, onde passou a despachar com sua legião de amigos, tornando-se a alegria daquele ambiente de trabalho, com seu carisma, simplicidade e simpatia, que fizeram nossas árduas jornadas mais amenas.

Nessa nova faceta, ele descobriu as facilidades da informática, tornando-se um afeccionado da Internet, deslumbrado com as facilidades da digitação eletrônica, o que o levou a escrever textos contendo casos pitorescos, que vivenciou em sua infância e juventude em Juiz de Fora, bem como na vida de Juiz de Direito.

Formava-se ali o embrião do que seria um livro de memórias, projeto interrompido quando o recém-eleito Governador Itamar Franco o convidou para compor seu secretariado, na condição de Auditor-Geral do Estado de Minas Gerais. Depois as incertezas da vida não permitiram que fosse concluído como imaginado inicialmente.

A rapidez com que a doença o abateu e o levou de nosso convívio não permitiu a retomada daquele projeto, muito embora, tenhamos sugerido que gravasse novas histórias em seu leito hospitalar, o que rechaçou, talvez porque realmente aquela chama de vida já havia se apagado, consciente do estado em que se encontrava.

Passados alguns dias de sua despedida, conversamos sobre este assunto e procuramos resgatar os arquivos digitados, ainda desorganizados pelos deslizos do então aprendiz, e selecionamos os textos que ora compõem este bem humorado *Causas e causos de um juiz do interior*.

Além disso, como ele era um grande aconselhador, resolvemos reunir suas máximas com que se dirigia principalmente a nós, além de depoimentos diversos, escolhidos aleatoriamente, sem o condão de preterir quem quer que seja, além de relatos sobre o Mercado Central, seu ponto obrigatório nas manhãs de sábado, desde que chegou a Belo Horizonte, no ano de 1968.

Com isso, entendemos que não só homenageamos um homem que semeou o bem, foi amigo de seus amigos e deixou saudade por onde passou, mas também procuramos disseminar este exemplo, fazendo com que nosso pai esteja sempre presente entre nós.

Belo Horizonte, setembro de 2007.

*Cláudia Regina Guedes Maia*

*Francisco Maia Neto*

**Parte 1**

**Casos do Desembargador**



## O caso das galinhas

Moravam na cidade, um judeu originário da Europa Central chamado Bernardo e um italiano chamado Pepino, em casas geminadas. O judeu criava galinhas em seu quintal e o italiano plantou uma horta destinada a suprir sua casa de verduras.

De vez em quando, as galinhas passavam pelo muro que separava as moradias e não era muito alto, e quando isto ocorria comiam plantações da horta.

Sempre que havia este fato, o italiano pegava as galinhas e levava para o judeu, reclamando e sempre dizendo que se isso não parasse, iria tomar uma providência.

O judeu nunca evitou que suas galinhas saltassem o muro, onde se deliciavam com as verduras sempre frescas, o que provocava a ira do italiano que voltava a repetir as ameaças, dizendo: “Bizinho, bizinho, eu um dia tomo uma providencia.”

Um dia, não suportando mais a investida das galinhas, passou a pegá-las, quebrar uma de suas pernas e jogar no quintal do judeu.

Diante da atitude do italiano, o judeu pegou uma das galinhas com a perna quebrada e foi tomar satisfações com seu vizinho.

O judeu reclamava em altos brados, com seu sotaque característico e dizendo que a atitude de seu vizinho lhe causara um grande prejuízo.

O italiano retrucou dizendo no mesmo tom com, seu sotaque típico do italiano que o que fizera visava unicamente acabar com as investidas dos galináceos em sua horta e o fato não ocasionava nenhum prejuízo, pois dizia ele: “Bizinho, você quer galinha pra comer ou pra jogar futebol?”

## Máquina de matar formiga

Estava despachando os processos pela manhã, no Fórum da comarca de Tombos, na companhia do Dr. Nuno Alves Martins, o Promotor, quando um oficial de justiça entrou no gabinete dizendo que uma pessoa queria falar comigo. Mandei que ela entrasse e ali penetrou um homem de meia-idade portando um embrulho de jornal, com aparência de fazendeiro.

Dizia ele que queria fazer uma reclamação ao juiz, pois afirmava que havia sido enganado. É comum, nas cidades do interior, pessoas que se sentem prejudicadas procurarem os magistrados para levar suas reclamações. Disse a ele que se colocasse à vontade e me informasse qual o motivo de sua ida ao meu gabinete, pois sempre procurei atender as pessoas aflitas que me procuravam.

De forma humilde e muito aborrecido, dizia ele que havia muitos formigueiros em sua fazenda, e que lera um anúncio no *Jornal do Brasil*, informando sobre uma máquina infalível de matar formigas, e em seguida abriu o embrulho que trazia consigo e exibiu dois pedaços de madeira em forma de tijolo, e uma instrução impressa que informava que se colocasse as formigas em cima de um dos pedaços e batesse com o outro, elas certamente morreriam. Dizia ele de forma chorosa: .”Eu fui enganado e quero que o senhor tome uma providência contra o *Jornal do Brasil*”. O Promotor, que era muito engraçado, começou a rir e disse ao frustrado matador de formigas: “O senhor não pode reclamar, pois, como diz o anúncio, se usar dentro das instruções, as formigas morrerão”. Não pude esconder o inusitado da situação e, não querendo deixar constrangido àquele que, na verdade, fora vítima de um autêntico conto do vigário, mas sem condições de reparar o prejuízo, limitei-me a consolá-lo e adverti-lo para que não comprasse nada que não pudesse identificar a pessoa do vendedor.

## O amor de Margot

Pantaleone era um italiano que vencera na vida empresarial, por isso mesmo gozava de grande prestígio na cidade e ganhara fama de “coronel” junto às mulheres da chamada vida fácil. Dentre elas havia uma mulher dotada de grande beleza, chamava Margot, pela qual o “conquistador” caíra de amores.

Entre aqueles que freqüentavam o local da boêmia da cidade, destacava-se um rapaz de boa família, que jogava futebol num dos principais clubes da cidade, chamado Pereirinha, e que gozava de indiscutível prestígio com Margot.

Quando Pantaleone falava de suas aventuras amorosas com a diva da chamada vida fácil, a dizer para todos do amor dela para com ele, alguns duvidavam de suas afirmações e começaram a alertá-lo pelas investidas de Pereirinha junto à sua amada.

Ele afirmava, em alto e bom som, que Margot só gostava dele e, para provar suas convicções amorosas, costumava pegar o telefone e ligar para ela, dizendo com o característico sotaque carregado dos filhos da Península Adriática: “Alô! Aqui é o Bererinha, e queria encontrar com você.” E a sabidona, percebendo quem estava telefonando respondia indignada:

“Pereirinha, vê se não telefona para mim, pois você sabe muito bem que eu gosto mesmo é do Pantaleone.” E ele, feliz, dizia para aqueles que estavam ouvindo o telefonema: “Bererinha um...! Margot gosta é de Bandaleone.”

## O italiano “Comendador”

Pantaleone era um grande empresário natural da Itália, e aqui aportara como imigrante, conseguindo, por obra e graça de seu trabalho e de sua inteligência, erguer uma grande firma industrial e construtora.

Na década de 30, o governo italiano passou a agraciar os seus filhos que se destacavam no exterior com títulos nobiliárquicos e Pantaleone recebeu do Rei da Itália o título de Cavaleiro do Império Italiano, e exibia-o com o natural orgulho de quem, imigrante que chegara a terra estranha praticamente sem nada, amealhara considerável fortuna e grande prestígio social na comunidade que o acolhera. Por isso, quando alguém o cumprimentava chamando pelo nome, dizia: “Bandaleone nom, Cavalhieri do Império Italiano, com muita honra”.

Posteriormente, ainda devido ao grande prestígio conseguido, Pantaleone foi agraciado com o título de Comendador do Império Italiano, e quando as pessoas que o cumprimentavam chamando-o de Cavaleiro, fazia imediata correção, dizendo: “Cavalhieri nom, io sono Comendadore do Império Italiano, com muita honra”. Logo depois explodiu a Segunda Guerra Mundial, e quando o Brasil entrou na guerra, os italianos tomavam precauções para não serem molestados pelos mais exaltados nacionalistas. Pantaleone também se cuidava e freqüentemente fazia alusões ao seu amor pela pátria que tão bem o acolhera, já que há muito havia se naturalizado brasileiro. Mas não escapava da brincadeira de alguns que, ao passarem perto de seu estabelecimento comercial, onde costumava ficar conversando com amigos, o chamavam: “Olá, Comendador”. E ele imediatamente corrigia: “Comendadore nom, io sono cidadon brasileiro e com muita honra”. E, cruzando os braços, dava uma bela banana para a pessoa que com ele havia brincado.

## **Eta dobrado bom**

O Coronel Chico Borba havia sido Prefeito nomeado de Tombos no tempo da ditadura de Getúlio Vargas e, após deixado o cargo, na condição de ex-alcaide do município, era convidado para participar das comemorações cívicas que eram realizadas nas datas festivas da nacionalidade.

Como bom cidadão a elas comparecia invariavelmente e, numa certa ocasião, após tocar o hino nacional, disse para o jovem Juiz que há pouco havia chegado à cidade: “Doutor, eta dobrado bom!” E o magistrado, que não sabia do atraso e do estilo simplório do Coronel Chico, o corrigiu, dizendo: “Não, Coronel, não é um dobrado, é o hino nacional.” Aí o Coronel respondeu-lhe: “Doutor, pode ser hino nacional, mas que é um dobrado bom é, né?”.

## **Colisão de automóveis**

Presidia uma audiência de uma ação de indenização oriunda de uma colisão de automóveis, em que o réu, depois de ter sido citado, apresentou reconvenção, imputando ao autor a culpa pelo acidente, e postulando, tanto quanto o suplicante, o recebimento dos danos decorrentes do evento danoso.

Os veículos colidiram frontalmente, o que dificultava a apuração do responsável pela ocorrência do fato.

O Dr. Francisco, homem simplório e não muito afeito às letras jurídicas, era conhecido pelas inusitadas perguntas que costumava fazer às testemunhas, quando das suas inquirições. No curso da audiência, quando foi lhe dada a palavra para fazer perguntas a uma das testemunhas, solicitou-me que perguntasse ao depoente “qual dos automóveis que tinha batido primeiro”. Disse-lhe que não poderia fazer tal pergunta, porque se a batida fora frontal, a pergunta era absolutamente impertinente. O Dr. Francisco não perdeu a calma, e de maneira delicada e educada, como era sua maneira de proceder nas audiências, reiterou a pergunta, dizendo: “Doutor, eu quero saber quem bateu em primeiro lugar porque só assim meu cliente pode ganhar a demanda”.

## O passeio do gado

O Dr. Manoel era um advogado com grande experiência que desfrutava de grande prestígio na comarca e, em decorrência de expressivo conceito profissional, possuía uma grande clientela, principalmente entre os fazendeiros do lugar. Demanda que versava sobre interesse dos proprietários rurais, tinha sempre em um dos pólos da lide o Dr. Manoel.

Em ação de indenização promovida por um proprietário contra um seu vizinho, era o Dr. Manoel o advogado do réu.

O autor, ao propor a ação, argüiu que o réu não tomara os necessários cuidados impostos pelo direito de vizinhança, para impedir que seu gado invadisse uma plantação de milho em sua propriedade, o que acarretou danos irreparáveis à referida plantação. Argüiu ainda que o motivo da invasão foi a precária manutenção da cerca divisória entre as duas propriedades, que não foram bem cuidadas pelo proprietário do gado.

Na defesa apresentada, o Dr. Manoel, de forma veemente e categórica, negou que o gado tivesse invadido o terreno do autor e por isso mesmo, sustentou a total improcedência do pedido indenizatório.

Marcada a audiência de instrução e julgamento, foram tomados os depoimentos pessoais do autor e do réu. O primeiro sustentou a alegada invasão e que esse fato acarretara os danos que pretendia fossem ressarcidos pelo réu.

O réu, após ser cientificado do que fora alegado na peça inicial, respondeu: “Não, Doutor, não houve nenhuma invasão do gado, o que aconteceu foi um pequeno passeio das reses no milharal, mas sem acarretar dano algum à plantação”. Diante do que dissera seu cliente, o Dr. Manoel, que se caracterizava por um bom humor constante, deu uma gargalhada e, pedindo a palavra, requereu a suspensão da audiência ao fundamento

de que diante do depoimento de seu cliente não lhe restava alternativa senão convencê-lo que o “passeio” por ele argüido impunha-lhe a obrigação de pagar pelos danos causados ao milharal de seu vizinho.

## Calças curtas

Pepino era um italiano que gabava de não atender sua mulher, e dizia que ele fazia o que queria e não dava satisfação a ninguém, muita menos a Rosalina, sua esposa e italiana de forte personalidade.

Nas comemorações das bodas de ouro de tios da Rosalina, Pepino estava bebendo com um grupo de amigos e sempre que podia, exaltava suas qualidades de homem que não dava satisfações à mulher, terminando sempre suas gabolices afirmando: “Lá em casa quem manda son las calças”.

Com o adiantado da hora, Rosalina começou a chamar Pepino para ir embora e ele, sorrindo, dizia que iria “daqui a pouco”.

Como Pepino não estava atendendo ao chamado, Rosalina se aborreceu e, de forma ríspida e incisiva, chamou-o para ir embora. Diante da forma com que a esposa chamava, Pepino não teve alternativa senão atender, o que provocou uma gozação geral, uns gozando a pronta obediência e outros a lhe dizer: “Como é, Pepino, você não disse que na sua casa quem mandava eram as calças?” E ele, com seu jeitão de italiano desapontado, explicava: “Io disse que lá em casa quem manda son las calças, mas esqueci de explicar que son las calças curtas”.

## **A tentativa de morte de um caminhão**

O Dr. Ivan, profissional que ganhara grande notoriedade como advogado de júri, defendia um cliente que estava sendo acusado de tentativa de homicídio pelo Dr. Nuno, eficiente Promotor de Justiça da comarca e que, nos júris, sempre travava com o citado causídico grandes discussões.

O réu, em seu depoimento, alegou em sua defesa que atirara contra a vítima, sem, no entanto, desejar a sua morte.

Na audiência de inquirição das testemunhas, depois de ouvidas aquelas arroladas pela acusação, que informaram que o réu dera dois tiros que não atingiram a vítima, passei a ouvir as testemunhas da defesa.

A primeira após ser advertida do dever e da obrigação de “dizer a verdade”, após ser devidamente compromissada, inquirida sobre o fato delituoso, isto é, os disparos feitos pelo réu contra a vítima, respondeu: “Não, Doutor, ele estava nervoso com a bateria do seu caminhão, por isso atirou contra o veículo e não contra a vítima”. Diante da afirmação, que não encontrava nenhum suporte dentro da prova e das próprias palavras do acusado, fiz-lhe uma severa advertência e disse-lhe que o depoimento estava sendo feito após o compromisso legal, e que se houvesse falsa afirmação, isso poderia redundar em processo por falso testemunho. O depoente, face minha reação à “estória” por ele criada, virou para o advogado e disse: “Viu, Dr. Ivan, eu não disse que a mentira que o senhor me ensinou não seria aceita pelo Dr. Juiz?” A constrangedora situação, com o advogado visivelmente desapontado, foi contornada pelo irônico Dr. Nuno, que disse: “Perdoa-o, Dr. Ivan, porque ele não sabe o que diz”.

## **A panela do macarrão**

Por ocasião do alistamento eleitoral que se realizou em 1958, quando foram criados os títulos eleitorais com retrato, os títulos anteriores perderam a validade e os eleitores foram obrigados a se alistarem novamente.

Para incentivar o alistamento, principalmente na zona rural, passei a deslocar o cartório eleitoral, acompanhado de um retratista, para os distritos e povoados existentes na comarca, aproveitando os domingos em que o Padre Cipriano, um espanhol muito engraçado, ia rezar a missa.

Antes das missas os eleitores preenchiam o requerimento e tiravam o retrato e, no encerramento delas, havia a entrega imediata dos novos títulos eleitorais. Tal sistema proporcionou uma aceleração acentuada no alistamento, e era comum, na hora do almoço, um dos fazendeiros da localidade convidar o Juiz e o Pároco para almoçarem com sua família.

Eram almoços muito fartos e saborosos, e quase sempre havia a indispensável macarronada dominical, com frango assado, tutu de feijão e um bom pedaço de lombo assado de porco.

Num distrito em que realizávamos o alistamento eleitoral, após devidamente convidados, fomos o Padre Cipriano e eu almoçar na casa de um fazendeiro.

Ao chegarmos ao local do almoço, verifiquei que o Pároco era muito íntimo da família e demonstrava conhecer muito bem todos que ali residiam, pela forma alegre e descontraída como ali foi recebido.

Após um pequeno e alegre período de conversa, fomos chamados para sentar à mesa, junto com familiares do dono, e logo em seguida sua esposa trouxe uma bandeja funda com uma fumegante macarronada.

Quando as pessoas começaram a ser servidas pela dona da casa, o Padre Cipriano, com sotaque que o caracterizava, disse: “Dona Maria, por favor, para mim e para o Dr. Ayrton, serve o macarrão do meio, que é mais quentinho e mais gostoso, da beirada, não”.

Como ele dava muita ênfase para que o macarrão fosse servido do meio da bandeja, ao voltarmos para Tombos, num Ford 29 que sempre nos conduzia, perguntei a ele porque a comida tinha que ser a do meio e não da beirada, e ele disse: “Ô, doutor, aquela bandeja além de servir comida, serve também para dona Maria lavar a bunda quando vai dormir”. Demonstrando o grande conhecimento que tinha ele dos hábitos familiares dos nossos anfitriões, bem como as preocupações do velho pároco.

## **A briga conjugal**

Estava no meu gabinete numa das varas da assistência judiciária da Capital, quando o escrivão me disse que uma senhora queria falar comigo. Mandei entrar e uma pessoa de meia idade, mostrando indignação com o marido, dizia que não suportava mais viver com ele por isso mesmo queria dele se desquitar.

Diante da forma aflita com a qual se queixava da vida conjugal, providenciei junto ao Escrivão a indicação de um assistente judiciário para acudi-la.

Alguns dias depois o defensor nomeado ingressou com a petição de pedido de desquite litigioso, no qual informava, sem dar maiores detalhes, porque o marido tornara a vida a dois insuportável.

Na audiência de conciliação, os dois cônjuges sentados um ao lado do outro, passei a ouvi-los e os incentivei a colocar suas divergências de lado e a se reconciliarem, e perguntei à mulher a razão pela qual desejava a separação. Ela, muito nervosa, dizia que o marido estava gastando demais, inclusive o que ela ganhava, e informou que o que mais a revoltava era a compra de um carnê do Clube Atlético Mineiro, que ela não aceitava de forma nenhuma. O marido, acuado pela acusação da esposa, de forma humilde falou: “Doutor, ela está aborrecida porque eu comprei carnê do Galo; se fosse do Cruzeiro, ela não se importaria”. Diante da afirmação do marido, a mulher disse, bastante nervosa: “Claro, doutor, se fosse do Cruzeiro, eu não me importaria, mas do Galo, não, não e não”. Propus, em face da situação existente, o cancelamento da compra do dito “carnê”, com a conseqüente desistência da ação de desquite, que foi imediatamente aceita pelas partes.

## **Evaristo, o escrevente cuidadoso**

Evaristo trabalhava como escrevente juramentado no cartório criminal da comarca, e era conhecido dos advogados que ali militavam como intrometido e abelhudo, porque constantemente, durante interrogatórios dos réus e depoimentos de testemunhas, gostava de colocar expressões e interjeições que não eram pertinentes, ou então, sublinhar parte dos depoimentos para chamar a atenção.

Tão logo assumi a comarca, fui alertado da forma como ele redigia os depoimentos que eram ditados pelo Juiz, o que me obrigou a alertá-lo para somente escrever o que eu ditasse e que não sublinhasse e nem colocasse em letra maiúscula qualquer coisa que eu ditasse. Em certa ocasião, disse-me ele que às vezes procedia daquela forma para chamar minha atenção na hora em que fosse estudar o processo para formar minha convicção. Na oportunidade, reiterei a ordem dada, para que ele reduzisse qualquer coisa que eu ditasse, da forma recomendada.

Logo depois estava ouvindo uma testemunha, quando falei: “Evaristo, coloque *isto é* entre vírgulas”, e ele, atento e obediente à ordem que eu lhe havia dado, escreveu no texto que eu estava ditando “Evaristo, coloque *isto é* entre vírgulas”. Como era meu costume observar a forma como o que eu ditava estava sendo escrito, falei que era apenas para colocar a expressão *isto é* entre duas vírgulas, ao que ele respondeu: “Doutor, eu escrevi exatamente como o senhor ditou, porque o senhor sabe que sou muito cuidadoso no serviço”. Após a devida correção, não tive como senão concordar que realmente era ele muito cuidadoso nas suas funções.

## O Júri do fazendeiro

Atendendo convocação do Presidente do Tribunal de Justiça, na condição de Juiz substituto da comarca de Miradouro, fui presidir uma sessão do Tribunal do Júri daquela comarca, por estar a mesma desprovida de magistrado titular.

Na pauta dos julgamentos havia um de um fazendeiro de uma importante família da localidade, de grande prestígio político, que estava sendo acusado de ter assassinado de forma cruel e violenta sua esposa, que era sua prima, e um empregado da sua fazenda.

A justificativa para o crime, segundo o acusado, era de que encontrara sua mulher mantendo relação sexual com o seu empregado.

No curso da instrução processual, após o exame no corpo da vítima, não foram encontrados sinais de esperma, o que, segundo a acusação, desmentia a versão do réu. Além do mais, a mulher, segundo as testemunhas arroladas pela Promotoria, mantinha conduta irrepreensível, apesar da reiteração do marido de que ela o estava traindo com o referido empregado.

No dia do julgamento, face às circunstâncias do crime e o grande prestígio das famílias envolvidas no processo, a cidade ficou muito agitada, com informações de que se o acusado saísse livre, os irmãos da vítima, que eram seus primos, o matariam na saída do Fórum, obrigando a montagem de um esquema especial de segurança que pudesse dar garantia, não só ao réu, como às demais pessoas que trabalhariam e participariam do Júri.

O Delegado Especial, destacado para dar segurança no local, tomou providências para o ingresso no salão do Júri, todas elas com o meu conhecimento e minha autorização, o que redundou em prisão para várias pessoas que foram encontradas

armadas e que logo depois do término do julgamento, foram liberadas.

Nesse ambiente tenso e nervoso, foram instalados os trabalhos da sessão de julgamento, atuando na acusação o Promotor de justiça da comarca e um conhecido e famoso advogado de Belo Horizonte, Dr. Pedro, e na defesa um advogado conhecidíssimo na região, Dr. , com muita experiência profissional e grande prestígio, por suas atuações no Tribunal do Júri, conhecido por suas manifestações e apertes sempre bem postos e do agrado dos jurados.

Quando a acusação estava sendo feita pelo advogado contratado pela família da vítima, explicava ele a absoluta falta de provas da alegada infidelidade da mulher, que era, segundo suas palavras, uma pessoa de conduta sem mácula, e para demonstrar que não havia qualquer prova da alegada relação sexual entre as duas vítimas, dizia que a perícia realizada na mulher não encontrara nenhum sinal de esperma em sua vagina. O defensor, sentado em sua cadeira, falava como se dirigisse a ele próprio - e a camisinha? e a camisinha? O acusador particular mostrava-se visivelmente contrafeito e iniciou outra parte da acusação, sustentando com grande elegância e desenvoltura as lições de grandes juristas italianos, entre eles Manzini e Ferrara, em que se inspiraram os juristas brasileiros para elaborar nossa legislação penal. Prosseguia ele na acusação dando ênfase à sua argumentação com base em reiteradas decisões dos Tribunais do País, que não consideravam como base para sustentar a defesa da honra, a circunstância de a mulher ser ou não fiel ao marido, salientando que a honra do homem não estava no meio das pernas de sua mulher.

Diante da forma incisiva com que a acusação era feita, o Dr. , sentado na cadeira destinada ao defensor, falando como se fosse um matuto, solicitou ao acusador licença para um aparte e disse: “Dr. Pedro, a lição de direito penal que o senhor está nos dando é muito bonita e pode ser pertinente para os homens

da Capital os da cidade grande. Com nois aqui é diferente, mulher nossa deu, nois mata”. A intervenção do advogado de defesa provocou uma gargalhada geral e deixou o grande advogado da capital completamente desnorteado e complicando definitivamente a acusação que fazia, a ponto de ele a terminar logo em seguida.

## **O inquilino pai-de-santo**

Num processo de despejo por falta de pagamento, que teve curso na 2a. Vara Cível da Comarca de Belo Horizonte, da qual eu era titular, foi decretado o despejo do inquilino. Esgotado o prazo para o recurso, o autor da ação pediu que fosse expedido o mandado de despejo, por mim prontamente deferido.

O Oficial de Justiça lotado na Vara, Joaquim Gonçalves, dias depois entrou no meu gabinete e informou-me que o inquilino despejado estava resistindo à ordem, e disse-me ainda que no prédio objeto da ação funcionava um terreiro de macumba cujo pai-de-santo era a pessoa despejada. Diante da informação prestada pelo Oficial de Justiça recomendei a ele que requisitasse, caso necessário, o auxílio da Polícia Militar para a execução do despejo.

No dia seguinte Joaquim Gonçalves que servia também de porteiro dos auditórios, informou-me que o aludido pai-de-santo lhe dissera que, se fosse realmente despejado, faria um “trabalho” para me prejudicar e impedir que o despejo fosse concretizado.

No dia marcado para o cumprimento do mandado de despejo, o Oficial de Justiça foi ao local acompanhado de soldados da Polícia Militar e foi ele prontamente cumprido, com lamúrias e ameaças do despejando, que dizia que iria fazer um “serviço” para prejudicar todas as pessoas que contribuíram para o seu despejo. Logo após a ordem judicial ter sido cumprida, o Oficial de Justiça intimou o pai-de-santo para comparecer ao Fórum Lafaiete e receber o material que havia sido retirado do imóvel.

Chegando ao Fórum, foi ele levado a minha presença e no meu gabinete foi muito solícito e gentil, portando-se de

forma muito educada, surpreendendo o Joaquim Gonçalves, que ouvira dele várias ameaças, não só a mim, como a todos que trabalharam para que o despejo fosse cumprido. Ao sair do meu gabinete, acompanhado do Joaquim, este se dirigiu ao pai-de-santo e perguntou-lhe: “Você não ia fazer um serviço para prejudicar o Dr. Juiz de Direito?” E ele, cruzando os braços numa grande banana, respondeu: “Eu hein! Este homem tem o corpo fechado!” E saiu gingando o corpo de malandro escolado.

## O Coronel Delegado

Quando fui promovido para a comarca de Muriaé, uma belíssima e culta cidade da Zona da Mata mineira, ao tomar posse, fui alertado sobre a ocorrência de vários crimes de morte que estavam sem qualquer solução pelas autoridades policiais encarregadas de investigá-los. Como passavam os dias e nenhum progresso ocorria nas investigações, resolvi oficial ao Secretário da Segurança, na época o Dr. Mauro Gouvêa, que era oriundo da região, para que enviasse um Delegado Especial. Assim procedi porque os comentários na cidade eram de que os crimes teriam sido cometidos por uma quadrilha chefiada por um Vereador e composta de policiais militares, com a conivência do Delegado de Polícia local.

Algum tempo depois, estava eu em minha casa descansando, depois de um dia de trabalho, quando bateram à porta e a empregada veio me chamar dizendo que um senhor queria me falar. Ao atendê-lo, identificou-se como sendo o Coronel Pedro Ferreira, e que havia sido designado como Delegado Especial, com poderes para fazer as investigações destinadas a esclarecer os homicídios ocorridos na comarca. O Coronel Pedro Ferreira, figura lendária da Polícia Militar, era o policial talhado para esclarecer os crimes, não só pelo respeito que ele impunha, como pelo fato de, entre os suspeitos, figurarem elementos da Polícia Militar.

Ao atendê-lo, entregou-me um ofício do Secretário da Segurança que continha a designação e solicitava que eu desse a ele toda a colaboração para os trabalhos de investigação. Após ler o ofício, informei-lhe que estava pronto a ajudá-lo naquilo que fosse de minha competência, e salientei meu desejo de que os trabalhos investigatórios fossem realizados com absoluta obediência às normas legais. Ao agradecer meu propósito de

colaboração, disse que precisava que eu lhe desse, nos pedidos de habeas corpus que porventura fossem requeridos, pelo menos vinte e quatro horas para prestar as informações legais. Eu, então, lhe respondi que não, e em seguida, apesar de constatar em sua fisionomia um aborrecimento, falei que lhe daria 48 horas, antes de decidir qualquer pedido a favor de alguém que fosse preso no curso das investigações, pois a lei me concedia 24 horas para despachar e a ele eu daria 24 horas para informar. E lhe disse ainda que, se houvesse indícios de culpabilidade contra a pessoa presa, que ele requeresse a prisão preventiva, que a deferiria e em consequência ficaria prejudicado o pedido liberatório. Esclareço que, naquela época, a lei concedia ao Juiz a prerrogativa de decretar a prisão preventiva, e em alguns casos até impunha tal providência.

Face ao meu procedimento, o Coronel levantou empertigado e declarou: “Doutor, todos estes crimes estão resolvidos”. Em pouco tempo, atendendo os requerimentos por ele feitos, decretei a prisão preventiva do Vereador que era tido como chefe da quadrilha, e de um cabo e dois soldados da Polícia Militar. Quando as investigações terminaram e teve início a instrução criminal, fiquei intrigado com a agilidade e a presteza com que o inquérito policial fora concluído e ainda mais surpreso, porque nenhum dos indiciados apresentava qualquer sinal de que houvesse sofrido qualquer tipo de violência física, pois o Coronel era tido como homem muito violento. Quando ele foi se despedir de mim, falei a respeito com ele e lhe disse dos temores que tinha sobre uma eventual violência com qualquer um dos investigados e ele, sorrindo ao despedir-se, disse: “Doutor, tem coisas que fazem a pessoa confessar até aquilo que não fez”. E agradecendo a minha colaboração, saiu com um sorriso maroto.

## O escrivão mais potente

O Manoel era escrivão do registro civil de Pedra Dourada, distrito de Tombos, e costumava vir à sede da comarca pelo menos uma vez por semana. Era ele tido como mulherengo, e as más línguas diziam que essas viagens, que, segundo ele, destinavam-se a resolver negócios de seu interesse, nada mais eram que desculpas para que pudesse pular a cerca. Tais comentários sempre terminavam com justificativas desse comportamento, em face, segundo aquelas que a conheciam, da feiúra de sua mulher. Diga-se, a bem da verdade, que apesar deste comportamento de impenitente conquistador, diziam que tratava muito bem a esposa e era um excelente pai.

Comentavam ainda que este casamento somente ocorreu porque o tio da moça, que era político de grande prestígio e considerado dono do eleitorado de Pedra Dourada, o havia agraciado com o cartório logo após o casamento.

O Fórum de Tombos era no segundo andar da Rodoviária, e nele havia uma varanda que dava para a principal Praça da cidade, de onde se avistava a saída e chegada dos ônibus.

À tarde, quando os ônibus chegavam, eu, Juiz da Comarca, o Dr. Nuno Alves Martins, Promotor de Justiça, e o Max Berthold Eisenhor, Escrivão do Cível, ficávamos observando o movimento dos coletivos e as pessoas que chegavam de viagem.

Uma tarde, quando o ônibus de Pedra Dourada chegou, dele desceu o Manoel e logo em seguida a mulher e os filhos do casal. O Dr. Nuno, que era muito irreverente, disse, como se estivesse num monólogo: “Este Manoel é o homem mais potente desta comarca”. Como eu havia chegado há pouco tempo na comarca, fiz um olhar de curiosidade, para saber a razão da observação que fora feita, e o Max, que era homem muito

observador e de pouca conversa, disse para mim: “Doutor, veja a mulher do Manoel, que está logo atrás dele, e o senhor vai saber a razão dessa afirmação do Dr. Nuno”. Ao observar a referida mulher e constatando sua feiúra, dei uma grande gargalhada e disse: “Vocês têm razão, para conseguir fazer filho nela, é preciso que o homem tenha uma potência fora do comum”.

## A tradução das *Catilinárias*

Quando cursava o ginásio na Academia de Comércio, em Juiz de Fora, o Latim era uma das matérias obrigatórias do curso e era nosso Professor o Padre Frederico. Da turma, faziam parte o Miguel Vilaça, filho do saudoso e inesquecível médico Dr. João Vilaça, um dos maiores cirurgiões do Brasil naquela época, e o Luís Andrés, filho de outro grande médico, o Dr. Alberto Andrés, que era um conceituado clínico. No nosso colégio, as cadeiras destinadas aos alunos eram compostas de dois lugares e os referidos colegas sentavam um ao lado do outro.

O professor de Latim havia marcado uma prova mensal e o trabalho a ser feito seria a tradução das *Catilinárias* de Cícero e a parte a ser traduzida era o assassinato de Júlio César, tão bem descrita pelo grande orador e escritor romano. O Miguel era um aluno bem mais estudioso que o Luís, que aproveitava a companhia do colega para solicitar-lhe auxílio nos trabalhos marcados pelos professores. Quando da realização da prova de Latim, o Luís pediu a indispensável ajuda do Miguel para fazer a tradução solicitada e este falou que ele podia copiar o seu trabalho, mas recomendou que não usasse as mesmas palavras que ele estava escrevendo, para que o professor não percebesse que ele havia colado a sua tradução. O Luís, após a aula, informou ao Miguel que ele havia colado, mas tivera o trabalho de modificar várias palavras, para que o Professor não percebesse que ele havia copiado a tradução feita pelo Miguel.

No dia seguinte, quando Padre Frederico, o professor, iniciou a aula de Latim, começou por fazer comentários sobre a prova mensal e após falar sobre os diversos trabalhos dos alunos, passou a comentar a prova do Luís. Com muita ironia, falou sobre a tradução feita, dizendo naquele característico sotaque alemão: “Meus Senhores, temos aqui um aluno muito

inteligente e estudioso, mas tão sabido que cria até novos nomes dos dirigentes romanos...” E, concluindo, falou: “Você é tão estudioso que vai levar um zero por colar tão mal, seu stupidus. Meu caro Luís, não é stupidus, é Brutus mesmo, como colocou o Miguel, de quem você colou”. A partir daí, o colega Luís passou a ser chamado por Brutus, apelido que o acompanhou a vida inteira.

## **O soldado que foi reclamar do cabo**

Nas comarcas do interior, principalmente quando exerci as funções no início da minha carreira de magistrado, o juiz era sempre a pessoa procurada para resolver os mais diversos problemas dos seus jurisdicionados, o que era feito, na maioria das vezes, por pessoas humildes e da camada mais pobre da população.

Em Tombos, onde iniciei minha carreira, não fugia a este lugar comum, e como não tinha o costume de sair de casa pela manhã, constantemente havia gente a me procurar para trazer seu problema ou procurar um conselho, e eu fazia absoluta questão de atender a todos que me procuravam, pois sabia que poderia trazer um conselho ou resolver um problema para uma pessoa aflita.

Numa dessas manhãs, eu estava a tomar café, quando a empregada me disse que um soldado queria falar comigo sobre um assunto que só eu poderia resolver. Ao atendê-lo, constatei que se tratava de um praça antigo e que servia no destacamento policial da cidade há muitos anos, sendo pessoa muito querida na cidade, mas conhecido pela sua negligência no exercício da árdua, difícil e incompreendida função de policial.

Ao lhe perguntar o que desejava, respondeu-me que precisava fazer uma queixa contra o cabo. O cabo era um policial muito exigente e fiel cumpridor de seus deveres no comando do destacamento, exigindo de seus subordinados igual postura, o que, evidentemente, não era habitual no comportamento do velho praça. Conhecendo o cabo muito bem, porque natural de Juiz de Fora, como eu, e porque havíamos sido colegas de infância, tinha por ele uma grande admiração pela forma exemplar como exercia seu comando, e logo imaginei os motivos da reclamação.

Ao ouvir os reclamos que eram dirigidos exatamente pela forma rígida que o comandante exercia seu mister, disse ao queixoso que não podia interferir no trabalho de seu superior hierárquico e que devia ele se dirigir ao comando do batalhão, que era a autoridade superior ao cabo e capaz de receber suas queixas, caso elas tivessem procedência.

Diante do meu conselho, respondeu: “Doutor, todos dizem aí que o Juiz é a maior autoridade da cidade e que pode prender qualquer um, porque o senhor não pode prender este cabo que vive me perseguindo? Sabe o que eu acho, que o senhor que é amigo dele não quer é tomar providência, muito obrigado”. E saiu resmungando, na convicção de que eu, por ser amigo do cabo, não o queria atender.

## **O cristão que brigou com Cristo**

Alexandre era um imigrante sírio que logo depois que veio da terra natal, passou a ganhar a vida como mascate, isto é, comprava mercadorias de atacadistas e as revendia de casa em casa, maneira pela qual a maioria de seus patrícios ganhava a vida e sustentava suas famílias. E tão logo eles conseguiram algum capital ou encontravam ajuda, passavam a exercer o comércio de forma regular.

Com o Alexandre foi assim, tão logo conseguiu um capital, abriu um pequeno negócio na parte baixa da Rua Marechal Deodoro, onde com a maior dificuldade exercitava seu comércio, sempre às voltas com as duplicatas vencidas e o mau humor dos gerentes de bancos, que não se cansavam de exigir o pagamento dos títulos.

Querido pelos moradores da rua, era, no entanto, objeto de brincadeiras e gozações por parte de alguns, que lhe perguntavam como iam os negócios, todos sabendo das dificuldades por que ele passava, e faziam comparação com o progresso comercial do Bernardo, seu vizinho e próspero empresário, e ele sempre em dificuldades e atrasado no cumprimento de suas obrigações comerciais. O Alexandre era católico fervoroso, ao passo que o Bernardo era judeu igualmente fervoroso em sua fé.

Um dia estava na porta da Padaria Central, de propriedade do meu inesquecível avô Francisco, pai de minha mãe, líder inquestionável daquele setor do comércio de Juiz de Fora e figura destacada da colônia italiana local, quando ali chegou o Alexandre, que, com seu sotaque inconfundível, estava sempre a reclamar das dificuldades comerciais que lhe atormentavam. Em determinado momento, alguém lhe perguntou o que estava fazendo para diminuir suas aflições; ele disse que iria à Igreja para rezar e pedir a Nosso Senhor Jesus Cristo ajuda, para diminuir suas dificuldades financeiras.

Dias mais tarde, um dos gozadores que sempre estavam na porta da padaria perguntou ao Alexandre: “Como é, já foi à Igreja pedir ajuda?” Ao que ele respondeu, mostrando uma grande decepção: “Olha, este Cristo é um ingrato, enquanto ele ajuda o Bernardo, que faz parte dos que o crucificaram, não faz nada por nós, que o seguimos com toda fé. Quer saber de uma coisa, olha para ele...” E deu uma grande banana. Tudo isso foi dito num sotaque característico do imigrante árabe e de uma maneira que fez rir todos aqueles que ali se encontravam!



## **Parte 2**

### **Máximas do Dr. Ayrton**

---

---



“Quem quer, vai, quem não quer, manda.”

\*

“Meu avô dizia: nunca se preocupe com o que o dinheiro pode comprar, especialmente quando se tem o dinheiro para pagar.”

\*

“Quando um não quer, dois não brigam.”

\*

“Nunca preste um favor a alguém esperando algo em troca.”

\*

“Os amigos de meus filhos também são meus amigos.”

\*

“O bom cabrito não berra.”

\*

“Cuidado com os rompantes, especialmente quando estiver certo, pois pode criar uma vítima, e perderá a razão.”

\*

“O bom bocado não é para quem faz, mas para quem come.”

\*

“Quando eu me aposentar, saberemos distinguir os amigos do Ayrton Maia daqueles que são amigos do Desembargador.”

“A felicidade consiste em dar, não em receber.”

\*

“Nunca esqueça da gratidão, traço de caráter que o homem jamais pode abandonar.”

\*

“A Bíblia nos ensina que há um tempo para pedir e outro para agradecer. “

\*

“É um perigo delegar autoridade a quem não sabe exercê-la.”

\*

“O excesso de recursos produz o fenômeno da miséria da fartura.”

\*

“Passarinho em época de muda fica de bico calado.”

\*

“O que faz rir, faz chorar.”

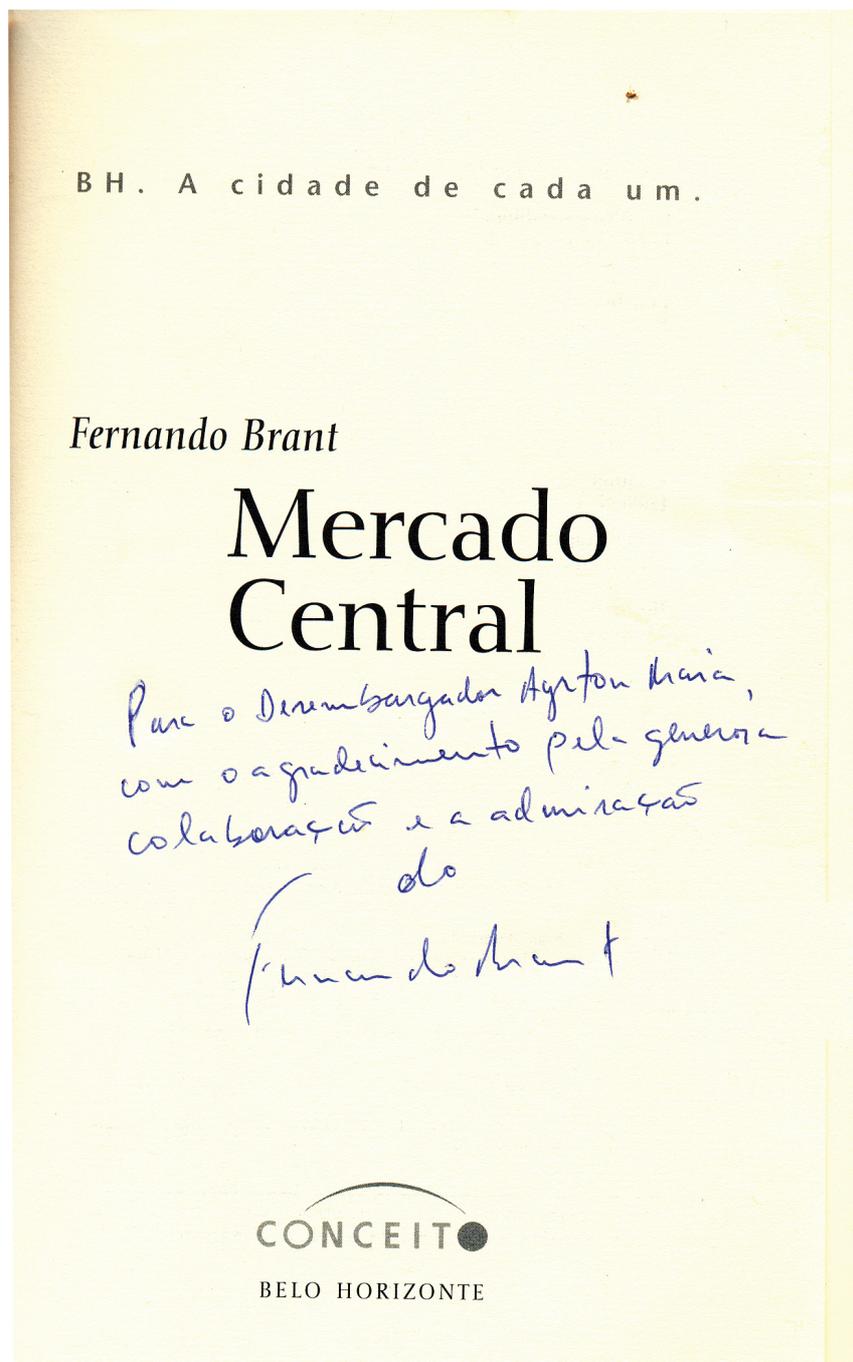
## **Parte 3**

# **O Mercado Central**



# Livro sobre o Mercado Central

*Fernando Brant*



## O desembargador e o Mercado

O desembargador Ayrton Maia freqüenta o Mercado Central desde o ano de 1968, quando se mudou para Belo Horizonte, prosseguindo sua brilhante carreira de distribuidor de justiça, servidor do direito e da humanidade.

Conheceu aquele centro comercial pelas mãos de três amigos, Lauro Filogônio, seu contador, e Giovani e Nicola, proprietários da Padaria Brasileira. O depoimento de Ayrton Maia é de doutor, em todos os sentidos:

“O hábito de ir ao Mercado Central todos os sábados pela manhã, nestes últimos 35 anos, me proporcionou conhecer bem a forma da prática comercial ali exercida e como seus comerciantes se esmeram para fornecer aos seus fregueses artigos da melhor qualidade. Como todo freguês habitual do Mercado Central, tenho meus fornecedores prediletos, isto é, comerciantes em várias especialidades que me fornecem artigos que levo para suprir as necessidades de minha família. Destaco as bancas do Mala, vendedor de frutas e especialista em escolher abacaxis; do Moser, que vende queijos e tem em seu estoque um do tipo canastra que é insuperável; a do Eduardo do Virginópolis, que tem uma ricota italiana defumada que é de notável sabor; o açougue do Zé Cabrita, meu

fornecedor de carne; o Armazém Aymoré, de Olímpio Marteleto, que é líder inquestionável daquela comunidade de comerciantes e o grande impulsionador das melhorias que ali foram feitas; o bar do Mané Doido, onde a cerveja é sempre gelada, no ponto; a loja Uirapuru, do Hermínio, Heraldo e Nonô. E, finalmente, O Rei da Feijoada, de propriedade do João e dos seus filhos, onde me reúno com amigos constantes para tomarmos uma cerveja gelada acompanhada de salgadinhos. A ida ao Mercado Central é um passeio imperdível pela variedade e qualidade dos produtos ali comercializados e pelo ambiente cordial e agradável, diferente e portador de um astral de alegria que contagia a todos que ali se encontram.”

O encontro do desembargador Ayrton Maia e seus amigos, todos os sábados pela manhã, acabou resultando em uma idéia luminosa. Espremidos na loja de João Dias, O Rei da Feijoada, eles resolveram alugar uma loja para sua diversão semanal. Daí surgiu o Anexo, assim chamado por eles considerarem o local um apêndice da loja do João. Quem explica bem o funcionamento e as características especiais do Anexo é o desembargador:

“O Anexo é uma idéia de pessoas que gostam de bebericar um bom aperitivo e comer gostosos petiscos, enquanto batem um bom papo e, em seu interior, não se permite o mau humor e nem a maledicência, porque ali só se cultiva a boa amizade. O mais interessante no Anexo é a absoluta camaradagem existente e o lema de todos é: o único local do Mercado Central em que não se vende nada, pois ali só há consumo. Integram a turma des-

te inusitado bar os desembargadores Hélio Costa, Ayrton Maia e Joaquim Herculano; os coronéis da PM Jurandir Afonso Marinho, Jonas Cruz e José Braga Júnior; os juizes Wander Marota, Francisco Bueno, Antônio Armando e Wanderley Paiva. O contador Lauro Filogônio Moreira, o engenheiro José Henrique Maia, o procurador Márcio Decat, o publicitário Hamilton Gangana. Os advogados Gétúlio Barbosa Queiroz, Manoel Augusto e Ulisses Vasconcelos Raso. Os comerciantes João Dias e Antônio Carlos Valle e o empresário e agricultor Pedro Magalhães. Estas pessoas, apesar da diversidade de atividades por elas desenvolvidas, formam uma turma absolutamente homogênea, e nos encontros que ocorrem em todas as manhãs de sábado, o que predomina é uma camaradagem e uma amizade plena e constante. Não há espaço para a discórdia ou discussão e o que todos os frequentadores desejam é proporcionar, de forma recíproca, momentos de alegria e oportunidade de se sorver uma cerveja bem gelada e um gostoso aperitivo.”

A turma do “Anexo” demonstra de tal forma esta união e esta camaradagem que o local tem sido motivo de atração e curiosidade para todos os que caminham por ali. Essa confraria, esse clube da amizade e da conversa revela bem o espírito que embala os ares daquelas paragens.

## **Artigo na *Gazeta Mercantil***

Há pouco tempo conversava com meu filho Francisco, no escritório da **Precisão - Avaliações e Perícias**, e ele me falava de uma seção na *Gazeta Mercantil* chamada “Eu recomendo”. Dessa forma, sugeria-me escrever sobre o Mercado Central de Belo Horizonte, em decorrência da minha fidelidade àquele centro comercial, por mim freqüentado habitualmente desde que mudei para Belo Horizonte, em 1968, levado pelas mãos amigas de Lauro Filogônio, meu contador, e de Giovani e Nicola, proprietários da Padaria Brasileira.

O hábito de ir ao Mercado Central todos os sábados pela manhã, nestes últimos trinta anos, proporcionou-me conhecer bem a forma da prática comercial ali exercitada e como seus comerciantes se esmeram para fornecer aos seus fregueses artigos da melhor qualidade.

Como todo freguês habitual do Mercado Central, tenho meus fornecedores prediletos, isto é, comerciantes em várias especialidades que me fornecem artigos que levo para suprir as necessidades de minha família.

Destaco a banca do Mala, vendedor de frutas e especialista em escolher abacaxis; do Moser, que vende queijos e tem em seu estoque um do tipo canastra que é insuperável; o Eduardo do Virginópolis, que tem uma ricota italiana defumada que é de notável sabor; o açougue do Zé Cabrita, meu fornecedor de carne; o armazém Aymoré, de Olímpio Marteleto, que é líder inquestionável daquela comunidade de comerciantes e o grande impulsionador da melhorias que ali foram feitas; o bar do Mané Doido, onde a cerveja é sempre gelada no ponto; a loja Uirapuru, do Erminio, Eraldo e Nonô. E, finalmente, o Rei da Feijoada, de propriedade de João e dos seus filhos, onde

me reúno com amigos constantes para tomarmos uma cerveja gelada acompanhada de salgadinhos.

A ida ao Mercado Central é um passeio imperdível pela variedade e qualidade dos produtos ali comercializados e pelo ambiente cordial e agradável que contagia a todos que ali vão, razão pela qual recomendo aos que ainda não o conhecem, ir visitá-lo, para que desfrutem de um centro comercial agradável, diferente e portador de um astral de alegria que contagia a todos que ali se encontram.

*Ayrton Maia*

Advogado, Desembargador aposentado do TJMG  
(Artigo publicado na *Gazeta Mercantil*  
de 12 de novembro de 1998)

## **Notícia do *Jornal do Mercado***

### *Fidelidade ao Mercado Central.*

O desembargador Ayrton Maia, aposentado do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, é um habitual e fiel freguês do Mercado Central. Tanto que publicou no jornal *Gazeta Mercantil*, de 12 de novembro, na coluna “Eu recomendo”, um artigo sobre a sua fidelidade ao Mercado, ao qual frequenta todos os sábados, religiosamente, desde 1968, época em que mudou para BH. Ele elogiou os comerciantes “que se esmeram para fornecer aos seus fregueses artigos de melhor qualidade”. Leia a seguir um trecho do artigo em que ele destaca seus fornecedores prediletos:

“Destaco a banca do mala, vendedor de frutas e especialista em escolher abacaxis; do Moser, que vende queijos e tem em seu estoque um tipo canastra que é insuperável; o Eduardo do Virginópolis, que tem uma ricota italiana defumada que é de notável sabor; o açougue do Zé Cabrita, meu fornecedor de carne; o armazém Aymoré, do Olímpio Marteleto, que é líder inquestionável daquela comunidade de comerciantes e o grande impulsionador das melhorias que ali foram feitas; o bar do Mané Doido, onde a cerveja é sempre gelada no ponto; a loja Uirapuru, do Erminio, Eraldo e Nonô. E finalmente, o Rei da Feijoada, de propriedade do João e dos seus filhos, onde me reúno com amigos constantes, para tomarmos uma cerveja gelada acompanhada de salgadinhos”.

(Publicado no *Jornal do Mercado* de dezembro de 1998)

## **Nota na Coluna Ana Marina**

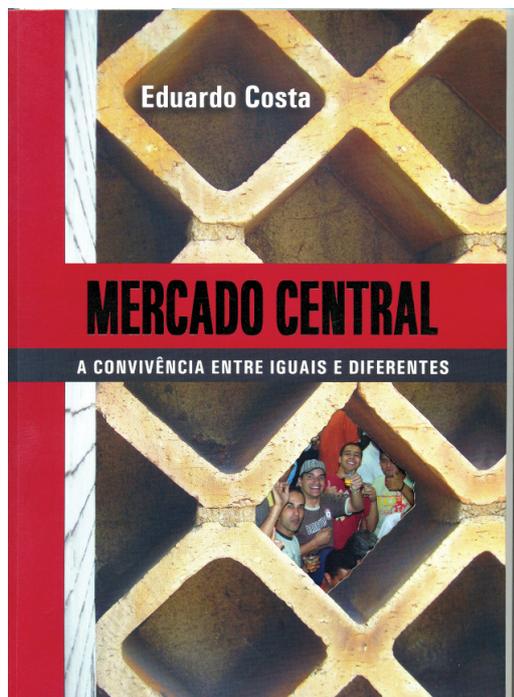
“Os boas-vidas”

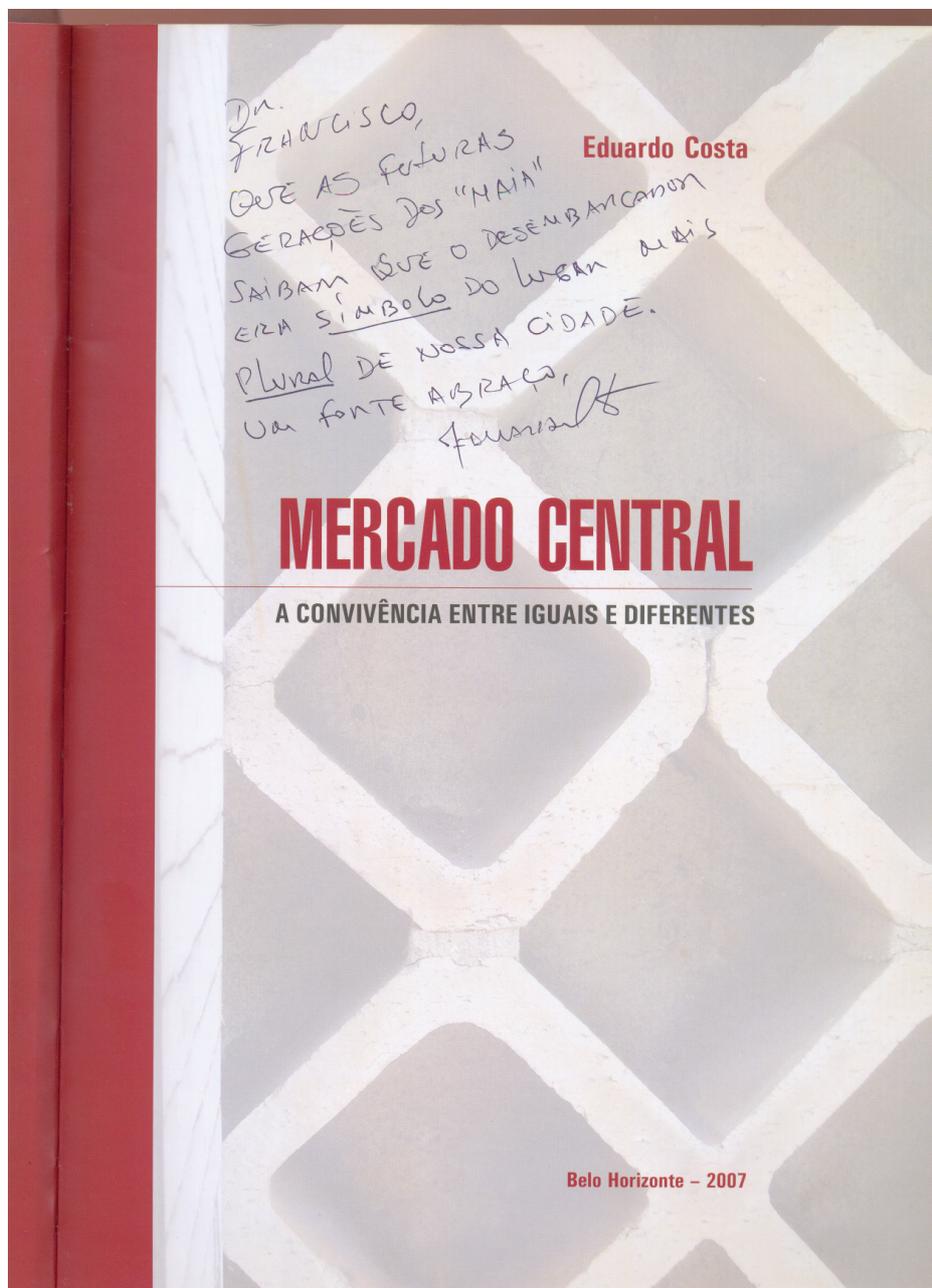
Notícia insólita, mas ótima: um grupo de sisudos homens da vida pública mineira - entre eles o meu amigo, desembargador AYRTON MAIA - alugou uma loja no Mercado Central e montou nela uma espécie de clube fechado.

Dotada de fogão e freezer, a loja só funciona aos sábados, onde eles passam o dia experimentando receitas e tomando uma cervejota. Numa boa.

Inveja!

(Coluna de Ana Marina Siqueira,  
*Diário da Tarde*, 9 de março de 1999).





Na frente do Mercado Central, do outro lado da Avenida Augusto de Lima, onde hoje existe o Minascentro, a avenida abrigava – nos tempos em que se chamava Paraopeba –, primeiro, a Escola de Aperfeiçoamento de Professores, depois, a Secretaria de Saúde. Quando o Mercado foi ali instalado, houve quem condenasse, porque não era exatamente um ambiente adequado para ser visto pelas “mocinhas” que estudavam do outro lado da avenida.

O tempo mostrou que era um temor desnecessário, pois a elite também se acostumou com o Mercado. Este caso é uma história de insucesso: a criação de um tal “anexo” (hoje “turma do tanque”). Um grupo de amigos – na sua maioria juízes e desembargadores – liderado por Ayrton Maia, que se acostumara a reuniões improvisadas “num cantinho” da loja do Rei da Feijoada, decidiu buscar um espaço mais organizado. Então, alugou uma loja nas imediações com o único objetivo de ali se reunir nas manhãs de sábado. Não durou muito. Ninguém entrou em detalhes, mas conta-se que alguns, “mais empolgados”, começaram a levar mulheres (que não eram as respectivas esposas) para o encontro. Devolveram a loja e voltaram ao improvisado, explícito, apertados em uma pia da loja. Afinal, como sempre afirmava o doutor Ayrton, “o Mercado é bom exatamente porque aqui há respeito, sentido de família”.

É de Ayrton Maia um depoimento que resume a paixão de um frequentador de décadas do Mercado. Publicado na década de 1970, este texto é constantemente repetido por aqueles que gostam do Mercado.

O hábito de ir ao Mercado Central todos os sábados, pela manhã, há mais de 40 anos, me proporcionou conhecer bem a forma da prática comercial ali exercida e como seus comerciantes se esmeram para fornecer aos seus fregueses artigos da melhor qualidade. Como todo freguês habitual do Mercado Central, tenho meus fornecedores prediletos, isto é, comerciantes em várias especialidades que me fornecem artigos que levo para suprir as necessidades da minha família. Destaco as bancas do Mala, vendedor de frutas e especialista em escolher abacaxis; do Moser, que vende queijos e tem em seu estoque um do tipo canastra que é insuperável; a do Eduardo do Virginópolis, que tem uma ricota italiana defumada que é de notável sabor; o açougue do Zé Cabrita, meu fornecedor de carne; o Armazém Aymoré,

de Olímpio Marteleto, que é um líder inquestionável daquela comunidade de comerciantes e o grande impulsionador das melhorias que ali foram feitas; o bar do Mane Doido, onde a cerveja é sempre gelada, no ponto; a loja Uirapuru, do Hermínio, Heraldo e Nono. E, finalmente, O Rei da Feijoada, de propriedade de João e dos seus filhos, onde me reúno com amigos constantes para tomarmos uma cerveja gelada acompanhada de salgadinhos. A ida ao Mercado Central é um passeio imperdível, pela variedade, pela qualidade dos produtos ali comercializados e pelo ambiente cordial e agradável, diferente e portador de um astral de alegria que contagia a todos os que ali se encontram.<sup>15</sup>

Marcos Mergarejo Netto e Alexandre Diniz trabalham com a hipótese de que o sucesso do Mercado está na sua centralidade, no seu ecletismo e tradição, na maneira como reproduz as diversas regionalidades mineiras:

A combinação desses fatores pode ter legado ao Mercado Central um caráter multifuncional, uma vez que, além de ser um espaço dedicado à comercialização de hortigranjeiros de qualidade, o Mercado é também importante atrativo turístico – um lugar de encontros e diversão, em meio à decadência do hipercentro.<sup>16</sup>

Esses autores constataram que tanto os comerciantes como as mercadorias do Mercado têm origem diversa, tal como os consumidores, revelando-se, assim, “um verdadeiro ponto de encontro” cujo elemento-chave é a localização, central, que facilita a articulação espacial e a criação de uma rede de fornecedores e consumidores que transcendem, em centenas de quilômetros, os limites da cidade. Eles consideram o Mercado “um espaço eivado de significados e fonte de muito orgulho”.

Em pesquisa em jornais e revistas das primeiras décadas, constata-se que a grande feira não era prioridade dos que faziam a crônica da cidade. Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, publicou, sob os pseudônimos de Antônio Crispim e Barba Azul, entre 1930 e 1934, textos que falavam sobre espetáculos do Teatro Municipal, filmes do Cine Glória e conversas do Bar do Ponto.

Recentemente Brant assim escreveu os três últimos parágrafos do livro sobre o Mercado:

<sup>16</sup> Mergarejo Netto; Diniz. Articulações socioespaciais do Mercado Central de Belo Horizonte. *Caderno de Geografia da PUC Minas*, p. 87.

<sup>15</sup> Brant. *Mercado Central*, p. 7.

**Parte 4**

**Depoimentos**



Convivi durante muitos anos com o Desembargador Ayrton Maia no Mercado Central e posso dizer, sem medo de errar, que a sua figura e presença deram àquele centro de compras uma grande importância, transformando-o num centro de convívio, abrigando, a partir daí, ideologias e culturas de diferentes matizes que, ao se encontrarem no mercado, recebiam a mutação da igualdade e do respeito que a própria figura do Desembargador Ayrton Maia proporcionava. Confesso que quando chego ao Rei da Feijoada e vejo as fotos dos encontros memoráveis dos quais o Desembargador era sempre o destaque, por tudo que ele sempre representou para todos nós, sinto que ele está ali, com seu jeito simples e cativante, distribuindo sabedoria e amizade. O Mercado Central deve uma grande homenagem ao Desembargador Ayrton Maia, que ficou melhor e mais atraente por causa dele.

*Acir Antão*  
Jornalista e Radialista

\*

Emocionou-me, muito, o convite do “Chiquinho” e da “Claudinha” (perdoem-me pela intimidade) para que prestasse esse depoimento sobre o nosso pranteado Des. Ayrton Maia, cujas lembranças e exemplos de vida, coragem, amor ao Direito, à verdade e à Justiça, ainda permanecem latentes entre nós. E como tem feito falta...

No correr da vida dou asas ao pensamento, à saudade e às recordações e não consigo encontrar quem mais tenha vivido para o Direito e a Justiça, como Dr. Ayrton. Corajoso, sério,

honesto, amigo dos amigos, leal e honrado, encarnava a figura impoluta do magistrado exemplar, culto, operoso, de coração aconchegante, sempre pronto a servir. Fez da Justiça uma prática constante. Franco e destemido, sem temer as adversidades.

Amava a família com tanto fervor...

Esse o velho Ayrton de tantos amigos.

Agora acredito na sentença de EPICTETO: “Seguramente Deus escolhe seus servos ao nascerem, ou talvez antes mesmo do nascimento”.

Obrigado amigo e até mais ver...

*Desembargador Alvimar de Ávila*

\*

Os filhos vão fazer uma justíssima homenagem ao Desembargador Ayrton Maia e me pedem um depoimento escrito sobre a sua pessoa. Tenho só dez linhas. Não é fácil. É espaço muito pequeno para o tamanho do homem de bem, do chefe de família, do cidadão, do magistrado, do amigo, da pessoa a quem todos queríamos bem e que agora estamos, mais uma vez, homenageando. Infelizmente não tive com ele tanta proximidade e tantos contatos como gostaria, mas guardo, dos que tive, a imagem de um homem público no mais completo significado da expressão: aqueles - e não são muitos - que dedicam toda a vida a servir. E servir no mais completo, no mais desprendido, no mais generoso, no mais amplo sentido, a todos, sem distinção, que dele precisaram. É muito bom para os que ficam, o exemplo de grandeza e sabedoria, justamente de um homem tão simples e acessível, com tanta sensibilidade e senso

de justiça. Bom para os muitos amigos, ótimo, como legado e responsabilidade, para a família.

*Dr. Antonio A. Caram Filho*  
Advogado

\*

Poucas são as pessoas que têm, na vida, o privilégio de conviver com pessoas tão ilustres como o Desembargador Ayrton Maia. Nos idos de 1991, regressando à capital mineira, tive a aprazível oportunidade de conviver com sua excelência, tanto no Tribunal Regional Eleitoral, quanto na Justiça Desportiva. Em minha memória, nem o tempo nem a falibilidade da vida apagarão os momentos que vivenciamos no Mercado Central, mormente aqueles no estabelecimento do Sr. João Dias, o Rei da Feijoada, onde aos sábados, religiosamente nos encontrávamos e mantínhamos longas conversas, enquanto apreciávamos aquela cervejinha gelada no tanque. A passagem prematura do Desembargador deixou a todos nós, seus amigos, consternados, e certamente nem mesmo o tempo que ameniza toda dor humana, será capaz de nos confortar. E infelizmente, os sábados não mais terão aquela alegria de outrora, pois no tanque do Rei da Feijoada “está faltando ele e a saudade dele está doendo em nós”, seus amigos, cuja ausência será sempre sentida, e sua presença sempre lembrada!

*Desembargador Antônio Armando dos Anjos*

Tive a grata oportunidade de conviver, por muitos anos, com o saudoso Desembargador Ayrton Maia, homem público ímpar, quer no exercício de suas funções no Tribunal de Justiça, quer nos misteres da Auditoria Geral do Estado e, ainda, como Presidente do Conselho de Ética do Estado de Minas Gerais. Em todas estas ocasiões, o nobre jurista demonstrou seu caráter sem jaça, sua simpatia irradiante e, sobretudo, sua inteligência aguçada. Dinâmico e operoso, unia o conhecimento jurídico a um notável pendor para a gestão pública, de modo a atuar com desenvoltura em segmentos diversos, sempre com muita respeitabilidade e integridade. Seu legado é enorme, mas não se pode deixar de sublinhar sua maior herança: seus filhos Francisco e Cláudia, que, com muito orgulho, podem afirmar serem filhos de Ayrton Maia.

*Antonio Augusto Junho Anastásia*  
Vice-Governador do Estado de Minas Gerais

\*

Se fôssemos reviver a história da Rua Marechal Deodoro, em Juiz de Fora, por certo teríamos grandes coisas para contar, tendo como personagem central o Desembargador Ayrton Maia. A sua memória invejável e sua grande inteligência, aliadas à personalidade forte e ao mesmo tempo humana e amiga, desenvolviam enlaçamentos de aproximação entre as famílias que ali residiam, onde eram colocados os verdadeiros sonhos de cada um na expectativa de um futuro melhor, com objetivos claros e ambições de vitórias e empreendimentos.

O Desembargador Ayrton Maia deixou a marca de seu caráter, de sua amizade e de seu exemplo entre nós.

*Desembargador Antônio Marcos Alvim Soares*

\*

Ayrton Maia, um metro e sessenta de pura sabedoria. Falar do Dr. Ayrton é fácil, principalmente para mim, que convivi com a “fera” por aproximadamente dez anos. Homem inteligente, de fibra, que sabia dar importância à família como poucos, principalmente se levarmos em conta os dias de hoje. Homem de postura ativa, totalmente positivo diante da vida. Sabia o valor de todos os que com ele conviviam. Estrategista por natureza, vislumbrava o longe e lidava com as pessoas e situações de acordo com o que elas exigiam, mas sem perder seu brilho e autonomia. Tenho a honra de ser pai de dois de seus netos, João Pedro e Victor, os quais certamente o têm carinhosamente dentro de suas lembranças. Perdi a conta de quantas cervejas “geladas” tomamos juntos, seja no “Tizé” após as imperdíveis reuniões do Tribunal de Justiça Desportiva, de onde é o eterno Presidente, seja na solidão da sauna de sua residência onde, com certeza, muito aprendi. Meu amigo iluminado. Do bem.

*Dr. Antonio Sadi Júnior*  
Advogado

O Desembargador Ayrton Maia representa um marco no Judiciário Mineiro. Galgou todos os postos da magistratura estadual, chegando a presidente do Tribunal Regional Eleitoral. Escreveu sua trajetória com extrema dedicação e competência. Um juiz firme, preciso, culto e muito inteligente, sem nunca deixar de ser amável e educado com todos que o procuravam. Sua história de sucesso é motivo de orgulho para todos os que o conheceram e que puderam desfrutar de sua amizade, assim como motiva as pessoas a seguirem seus passos. Desembargador Ayrton Maia é sinônimo de integração de pessoas, motivação e organização, dinamismo, persistência e liderança.

*Desembargador Antônio Sérvulo*

\*

Já se vão mais de quinze anos, quando tive a grata satisfação de travar relações de amizade com o saudoso Desembargador Ayrton Maia, o que muito me enriqueceu. Propor-me-ei, preferencialmente, a discorrer algumas palavras sobre o “cidadão Ayrton Maia”, pois o “juiz” dispensa maiores adjetivações, face ao incontestado brilho que conferiu à magistratura mineira e nacional.

Estampa-me a imagem do cidadão guiado por sólidos valores fraternais, familiares e morais. Mas, em especial, sempre vislumbrei em Ayrton Maia uma qualidade rara: a do homem que não envelhece! É que o seu entusiasmo, agilidade mental, amor ao bom debate, eloquência e senso de humor refinado, conferiam-lhe a feição singular da juventude que os anos não empanam!

Ficarão para sempre seus exemplos, a amizade, o respeito e a saudade.

*Dr. Arlindo Porto*

Ex-Vice-Governador do Estado de Minas Gerais

\*

Tive o prazer de convidar Ayrton Maia, já aposentado como desembargador, para ser padrinho de dois dos meus filhos, os quais se casaram em ocasiões diferentes. Sua resposta, sempre com aquele inafastável sorriso, foi: “Mas a honra é toda minha, Ary, já que hoje sou um simples cidadão...” Era possuidor de notável modéstia, embora tenha ocupado os mais elevados cargos da magistratura e, posteriormente, do governo mineiro. Por mais cargos e altas honrarias que tenha recebido, jamais tornou-se, como diz o francês, “remplis de soi même”. Figura humana especial, com aquela mineiridade de que nos fala Guimarães Rosa, sempre afável e bondoso, Ayrton Maia sobressaiu-se pela retidão, correção, honestidade e inteligência, compartilhando sempre com Dona Laura - sua inseparável esposa e companheira - momentos alegres e difíceis de sua vida. Seus brilhantes filhos, Francisco e Claudinha, são a continuação de tudo que fizeram. Como bem estava escrito na porta do escritório de sua casa, Ayrton Maia partiu “para outro reino, e passo a passo foi se distanciando”, mas, a chama de sua vida continuará, para sempre, iluminando todos os que com ele conviveram.

*Dr. Ary Margalith*

Advogado

Ayrton Maia cativou pessoas e fez mais amigos que um homem comum porque possuía uma capacidade rara de sempre estar em compatibilidade com a realidade. Sabia viver. Não perdia tempo com fantasias e nunca se ouvia dele uma queixa, um comentário amargo. Quando censurava algo ou alguém, fazia-o com uma dose de tolerância, deixando implícito algo que desculpasse o responsável.

Aceitava as coisas boas com um sorriso, sem alarde. E aceitava as coisas más também com um sorriso, mas meio irônico, que expressava sua paciência ante o inevitável. Estava sempre sereno, calmamente alegre, de moderado bom humor. Era um homem do meio termo, infenso ao exagero, da mais autêntica extirpe mineira.

Esse modo de ser atraía muita gente que vinha desfrutar de sua sempre agradável companhia. Talvez isso explique porque sua ausência é tão sentida.

*Dr. Carlos Magno de Almeida*  
Advogado

\*

Ayrton Maia, o juiz e o homem.

Eu era juiz novo e novato quando fui apresentado ao juiz Ayrton Maia. Ayrton já era juiz veterano. A apresentação ocorreu na Av. Afonso Pena, defronte do antigo Banco da Lavoura. E quem me apresentou ao Dr. Ayrton Maia foi o meu pai, o juiz Achilles Velloso. Estávamos numa roda de magistrados. Ayrton, brincalhão, dizia que o revólver do Achilles e o automóvel do então juiz Vaz de Mello, que depois presidiu o

Tribunal de Justiça e assumiu o governo do Estado, constituíam-se nas mais festejadas virgens belorizontinas. Explico: o meu pai não saía sem o seu revólver, que Ayrton afirmava e eu garantia, jamais fizera fogo. E o carro do Vaz de Mello nunca saía da garagem. E ficamos ali a conversar amenidades, o Ayrton Maia muito falante, tomando conta da conversa e da roda. Quando nos despedimos, no automóvel, em direção à casa de meu pai, deu-me ele, então, informações sobre o juiz brincalhão. Ele brinca muito, porque está sempre de bem com a vida. Mas, acrescentou, trata-se de um juiz sério, íntegro como uma rocha, severo, muito preparado, de quem os seus colegas nos orgulhamos.

Com o tempo, consolidou-se a amizade e cresceu a estima e a admiração. Fomos, depois, juízes do TRE de Minas. No dia a dia do nosso trabalho, conheci de perto o magistrado. Modesto, não fazia alarde do cabedal jurídico de que era possuidor. Seus votos primavam pela síntese. Eles não continham palavra a mais nem palavra a menos. Participamos, Ayrton Maia, o juiz Bernardo Filgueiras e eu, da comissão apuradora das eleições parlamentares de 1974, apuração que realizamos, no TRE de Minas, pioneiramente, pelo computador. Coube a mim a presidência da comissão, que tinha como secretário o Roberto Siqueira, técnico em informática, velho servidor da Casa. Problemas surgiram, claro, e muitos, pois trabalhávamos, pela primeira vez, com o computador. Era preciso ver como o juiz Ayrton Maia se desdobrava. Foram muitas as noites indormidas. Dizia-se, então, que o SNI monitorava a apuração. E quando esta terminou, verificou-se vitória da oposição. Foi nessa ocasião que conheci, por intermédio do Ayrton, o então candidato ao Senado, pelo antigo MDB, o ex-presidente Itamar Franco.

Eu teria muito mais para contar. Casos interessantes ocorreram. Nas férias de verão, por exemplo, íamos para Iriri, na orla capixaba. As caçadas que realizávamos, de pretensos cabritos selvagens, numa ilha próxima da praia, fizeram história. Na verdade, os tais cabritos selvagens eram postos ali por um

oficial da Marinha reformado, amigo do Ayrton, que residia em Iriri, para que fossem caçados e churrasqueados. Essas nossas férias ocorriam com as nossas famílias. D. Laura, a musa de Ayrton Maia, sempre do seu lado, o Francisquinho e a Claudinha, ele hoje profissional vitorioso, engenheiro e advogado, ela notável magistrada seguindo a trajetória do pai. Depois de aposentado, compulsoriamente, aos setenta anos, Ayrton Maia serviu ao Estado como auditor-geral, severo fiscal dos dinheiros públicos. Ele se foi, portanto de pé, aferrado ao trabalho, como era de seu estilo.

O desembargador Ayrton Maia deixou muita saudade. O seu exemplo, entretanto, exemplo de vida, de magistrado, de chefe de família, de amigo, ficou e há de frutificar.

*Carlos Mário da Silva Velloso*  
Ministro aposentado e ex-presidente  
do Supremo Tribunal Federal

\*

Ayrton Maia foi um homem que, como poucos, soube dar sentido e cumprir suas qualidades e desígnios autóctones. Mineiro, de Juiz de Fora, suas origens forjaram sua caminhada.

Nasceu no berço da liberdade e da justiça, valores que soube promover por toda a vida. Ainda no nome de sua terra natal já parecia estar traçada sua vida pública, tornando-se um julgador letrado, honrando sua insígnia branca, sempre erguida, sem nunca se abater na aplicação do bom direito. Realizando seu desejo, aprimorou academicamente sua natural vocação em promover a justiça. Com mérito e ética construiu sua carreira

profissional, tornando-se desembargador. Mas, quem o conheceu bem sabe que o verdadeiro objetivo alcançado em seu ofício e na sua existência foi a maior virtude daqueles que julgam, a paz na consciência.

*Dr. Edison Zenóbio*

Jornalista

\*

Tive a honra de conhecer o desembargador Ayrton Maia por intermédio de seu irmão José Henrique, muito mais moço, que tinha pelo primogênito dos Maias carinho e admiração filiais.

Entre suas inúmeras virtudes - demonstradas de sobejo no Magistério, na Magistratura, na Administração Pública e como exemplar chefe de família - uma, particularmente, sempre me impressionou: a capacidade de exercer, com brilho inexcedível, todas as missões que lhe foram confiadas, sem perder o contato, sem abrir mão da convivência com os mais humildes dos seus muito amigos. Nas visitas a sua cidade natal, ou no bar do Mercado Central de Belo Horizonte, fiel aos produtos Antarctica, o professor de Direito, o desembargador, o auditor-geral do Estado - sem olvidar a liturgia dos seus cargos - sempre foi o menino alegre e brincalhão da parte baixa da Rua Marechal, próxima da Estação Ferroviária de nossa querida Juiz de Fora.

*Jornalista Eduardo Almeida Reis*

Academia Mineira de Letras

Com o Desembargador Ayrton Maia, tive um convívio

fraterno, agradável e rico de aprendizado. Absorvi seus conselhos, de imensa importância quando ingressei no Tribunal de Justiça Desportiva de Minas Gerais, apesar de um início turbulento, motivado pela ansiedade e apreensão de quem estava chegando e que ele, Dr. Ayrton, soube contornar com extremo respeito e sensatez.

O Desembargador Ayrton Maia, ícone máximo da Justiça Desportiva, sempre soube decidir com a razão, e assim nos ensinou, deixando de lado a paixão e interesses dos clubes, diretores e torcedores. Para ele sempre prevaleceu uma única cor, o branco, como sinônimo da indispensável transparência em suas decisões.

Sinto-me feliz e dignificado não apenas pela honra de participar desta obra que retrata uma vida plena de realizações e sucesso, mas principalmente por saber que também tive a graça de conviver por quase duas décadas com a pessoa do inesquecível Desembargador Ayrton Maia.

*Dr. Eduardo Machado Costa*  
Advogado

\*

Ainda jovem, no ano de 1968, tive o privilégio de conhecer, no Clube Forense, a pessoa de quem meu pai tanto falava e proclamava suas grandes qualidades morais e intelectuais, amigos que eram desde os tempos escolares, na nossa querida cidade de Juiz de Fora. Refiro-me ao então Juiz de Direito da 2ª Vara Cível da Capital, Dr. Ayrton Maia.

Sobre um caso pitoresco do saudoso magistrado,

lembro-me de que, certa manhã, no Clube Forense, encarregou-me o Dr. Ayrton de verificar se um amigo comum estava usando água filtrada no preparo da salada que, delicadamente, costumava servir a um grupo de amigos, pois chegara ao seu conhecimento que a água por ele usada não era filtrada. Em cumprimento àquela incumbência, procurei certificar-me a respeito do preparo do tira-gosto que ele tanto apreciava. Não me sendo possível adentrar na cozinha do Forense, mas desejoso de transmitir-lhe o resultado da “diligência”, respondi ao meu amigo que no preparo da salada eram utilizadas duas ou mais garrafas de água mineral. Satisfeito com a resposta, voltou o Dr. Ayrton a “saborear” o prato preparado pelo nosso amigo. A “mentira” que usei serviu para não lhe tirar o prazer de continuar consumindo o “delicioso” prato, cuja primeira porção era prazerosamente a ele servida, acompanhada de uma cerveja bem gelada.

*Dr. Eduardo Vaz de Mello*  
Engenheiro

\*

Um dia ele morreu, como morrem todos os homens, mas podia viver mais, porque era bom.

Conheci Ayrton como Juiz do antigo Tribunal de Alçada, e, como censor das sentenças de 10º grau, ainda que discordando, era polido e respeitoso.

Exemplo do bom Juiz, preocupava-se tão-somente em exercitar a jurisdição. Embora culto e conhecedor profundo do Direito, suas decisões eram simples, bem compreensíveis e

justas.

Não pactuava com nada que tivesse o mínimo traço de imoralidade, e se percebesse qualquer ato não condizente com os princípios da retidão, não silenciava, e protestava veementemente, doesse em quem doesse.

Talvez até como compensação divina, pela admiração que tinha por ele, permitiu-me o destino a honra que poucos juízes têm, a de fazer parte do Tribunal Regional Eleitoral, e, ali, com ele trabalhei. Era nosso Presidente. Foram dias inesquecíveis de minha vida profissional a participação em Tribunal dirigido por Ayrton Maia, o Desembargador Ayrton Maia.

Com ele aprendi muito e tive a honra de receber seu integral apoio para o Tribunal de Alçada. Fiquei-lhe eternamente grato e embevecido quando, ao lhe agradecer, respondeu-me com aquele inesquecível sorriso e voz estridente: “Deixa pra lá, que não fiz mais que cumprir uma obrigação”. Pequenas coisas que passam, mas que o tempo não destrói.

Ayrton era um homem de pequena estatura, mas foi grande em seu tempo, exemplo de dedicação, abnegação e coragem.

Que posso mais dizer dele, se não que foi um grande juiz, uma grande pessoa, um grande homem? Juiz, Pessoa e Homem, todos com letras maiúsculas.

*Desembargador Ernane Fidélis dos Santos*

\*

Imagens especiais guardadas no coração! São de uma amizade de quase-irmãos, entre o querido Desembargador Ayrton Maia e (meu querido tio) Mauro Belém Botelho, advogado. Quantas vezes, na infância, aos domingos, o acompanhei à casa do Dr. Ayrton, onde o pegávamos para ida ao Mineirão. Entrava no carro e o (tio) Mauro anunciava em tom de festa: Maia! Era assim que o chamava. Foi como o conheci! Na tragédia que vitimou o tio Mauro e a esposa (tia Heloísa), foi o Dr. Ayrton que esteve ao lado do meu pai (Wolney Botelho) nas providências difíceis do momento. Amigo do meu avô José Botelho), fez D. Laura amiga da minha avó e da minha mãe. Amigo do meu sogro (Bernardino Godinho), o Dr. Ayrton - O Maia! - ocupa muito da nossa história pessoal. Seus filhos, Chico e Cláudia, são os frutos continuados dessa irmandade, que continua, exatamente como começou!

*Desembargador Fernando Neto Botelho*

\*

Integridade pessoal, absoluto respeito à ética e à legalidade jurídica. Essas as três características que voltam à minha memória ao lembrar-me de Ayrton Maia e da convivência que tivemos em vários momentos da história mais recente de Minas. Sua trajetória pessoal e profissional, desde Juiz de Fora, passando pelos altos cargos que ocupou na estrutura do Poder Judiciário Mineiro até a presidência do Conselho de Ética do Estado, foi sempre marcada pela dedicação e pelo mérito. Os cargos e as homenagens que recebeu ao longo da vida, todas mais que merecidas, não impediam de se perceber sua simplicidade e humildade, típicas do mineiro que era, condição

da qual tinha reconhecido orgulho. Sinto-me honrado em poder expressar aqui esta admiração e respeito pelo Desembargador Ayrton Maia.

*Dr. Fernando Pimentel*  
Prefeito de Belo Horizonte

\*

Conheci o Desembargador Ayrton Maia ainda quando era ele Juiz em Belo Horizonte, e, após, no Tribunal de Alçada; depois, no Tribunal de Justiça do Estado, onde fomos colegas, e, ainda, no Tribunal de Justiça Desportiva, sempre em proveitoso e agradável convívio que se prolongou por mais de vinte anos.

Admirei sempre no Desembargador Ayrton Maia qualidades excepcionais e singulares: o amigo perfeito e sempre solidário; o homem íntegro e o magistrado exemplar; o ser humano compreensível, ainda que aparentemente austero, mas sem vaidade e sem arrogância, um sedutor exemplo de quem não aceitava estreitezas de preconceitos e intolerâncias.

Deixou-nos, sem dúvida, uma extraordinária herança de exemplos.

*Desembargador Gustavo Capanema de Almeida*

\*

Conheci Ayrton Maia como Juiz de Direito em exercício na Comarca de Eugénópolis, onde advogava juntamente com meu pai.

Minha admiração por ele daí começou ante sua postura de Magistrado íntegro e humano e tal perdurou pelo passar dos anos.

Por sua orientação, já como Juiz na Comarca de Muriaé, prestei concurso para a Magistratura e, aprovado, em exercício na Comarca de Miradouro, tive o mesmo como bússola para minha vida profissional, ainda por suas lições dirigidas, à larga, ao Juiz novato.

Meu pai, a quem, carinhosamente, chamava de Napoleão, muito, igualmente, o admirava e respeitava.

Como Desembargador, fui designado para a Câmara em que era o Presidente e suas palavras de saudação ecoam em minha lembrança, para sempre.

Hoje se move no infinito depois de preenchido o fim para o qual fora criado, deixando-nos os princípios de um caráter firme e elevado.

*Desembargador Isalino Lisboa*

\*

Difícilima era a situação de Minas Gerais quando assumi o Governo, ditada pelo desequilíbrio entre a missão dos estados, como prover educação, segurança pública, saúde, e os recursos a isto necessários, concentrados na União e, principalmente, por uma repactuação equivocada da dívida estadual.

Processos administrativo-gerenciais se avolumavam, conseqüência de fiscalizações necessárias, mas insuficientes, para evitar a repetição de práticas gerenciais indevidas.

Era necessário quebrar esse círculo vicioso, partindo dos princípios de ética e transparência que determinamos, a presidir todas as ações e, para isso, precisávamos de alguém que estivesse na fronteira entre o administrativo, terreno das Secretarias e dos órgãos de Segurança, e o legal, a Procuradoria de Justiça, ao qual os administradores pudessem recorrer.

Não bastava prover a Auditoria Geral do Estado. Era necessário que, para dirigi-la, tivéssemos um homem público com características especiais, no caso, dotado de sabedoria para orientar com firmeza, competência e mesmo ternura, de forma a quebrar o endurecimento de posições entre áreas, com a rigidez administrativa que daí advinha.

Foi quando nos lembramos do amigo Ayrton Maia, um juiz reformado, com o qual privávamos, tão ilustre quanto modesto, tão competente quanto reservado.

Juiz e Desembargador que já tinha se destacado com infinita capacidade de ouvir e de comunicar, tinha cursado a faculdade de técnicas de atendimento no balcão da Casa Cabocla, onde nós, os juiz-foranos, quando necessitávamos, seja de peças de vestuário, seja de prosa ou mesmo conselhos, procurávamos sua mãe, Rosa Falci Maia, incomparável no atender e no agradar.

Assim, na Auditoria, quando as questões maiores do Estado, situadas na fronteira da ação administrativa e do conhecimento do intrincado sistema jurídico do país, exigiam uma reunião com o Dr. Ayrton, não se era ofuscado por demonstrações públicas de saber, muito atuais e próprias de certas autoridades, e sim por orientações práticas, do espírito das leis, das cautelas necessárias e de como defender o patrimônio público. Pois sua capacidade maior foi sempre a de orientar com simpatia e alegria, numa linguagem acessível, de modo que, ao final, além de orientados, nós todos, administradores públicos,

tornávamos seus amigos.

Eu me lembro de nosso último contato. Estava em companhia do irmão e amigo engenheiro, José Henrique Maia. Disse-me: “Governador, até sua próxima missão pública”.

Alegria no coração, quando dizia: “Itamar, Laura hoje rezou por nós”!

“Não posso manter-me em paz comigo mesmo sem vos contar as coisas que o Senhor, em sua misericórdia, deu a conhecer à minha alma, não importa se isso venha a significar para mim a vida ou a morte”. (Liburnet, 1638).

Ayrton Maia, quanta grandeza!

*Dr. Itamar Franco*

Ex-Presidente da República

\*

Conheci-o Juiz Titular de Vara Cível na Capital. Impressionava o dinamismo que empreendia à atividade judicante. Ágil e preciso nas decisões, objetivo na condução das audiências, mantinha com os advogados diálogo aberto e franco. Com presteza e atenção, atendia procuradores e partes. Na Presidência do TRE/MG, revelou-se administrador capaz. No nosso convívio nesse tribunal, descobri o homem afável que alegre vivia e se encantava com as crianças. Ayrton Maia era seu nome.

*Dr. João Batista de Oliveira Filho*

Advogado

Conheci pessoalmente o grande Desembargador Ayrton Maia, apresentado pelo Governador Aécio Neves quando S. Excia. instalava o Conselho de Ética do Governo.

Eu havia ouvido falar muito sobre o Desembargador Ayrton Maia, destacado no meio jurídico e respeitado na administração pública e no meio empresarial. Não hesitei em propô-lo para Pte. daquele Conselho. Começou aí e aí se consolidou minha amizade com um homem amável, bom, alegre, competente, responsável e atento aos seus deveres.

Muitas vezes o apanhei em casa para irmos às reuniões do Conselho, ele nunca se atrasou e durante o caminho falava sobre suas preocupações com o sistema judiciário brasileiro e seus esforços para aprimorá-lo. Na volta, já tarde, S. Excia. ficava no escritório da Precisão, do seu querido Francisco Maia Neto; ia continuar a trabalhar, grande cidadão, grande homem público.

*Dr. João Camilo Penna*  
Ex-Ministro de Minas e Energia

\*

Ayrton Maia, o grande líder. Tínhamos uma regra de convivência que se espalhava por todos os cantos. Eu alimentava com gosto aquela amizade feita também de pequenos gestos, como ir às compras com ele e orientá-la por todo o chão fértil do Mercado, até o desafio para um chope em qualquer bar que não tivesse lugar. Ele arrumava fácil, jeitoso e ameno que era. Ayrton Maia tinha uma saborosa receita de bem viver, cujos ingredientes colhíamos na sua sensibilidade ao juntar os amigos no “Rei da Feijoada”. Eram tantos que quando

não cabia, ele ensinava a colocá-las no coração para sempre abrigar mais um. E ali, em volta do tanque, lavávamos a alma com os santos líquidos da nossa terra, enquanto repartíamos, fatiadas, as coisinhas de comer. E tome conversa fiada, que o Desembargador, munido de infinita humildade, ouvia sem manifestar impaciência. O magistrado era do povo e com ele se misturava, talvez para aprender a julgar com Justiça. Por isso, o homem Ayrton Maia foi maior que a sua biografia.

*João Dias*

Comerciante - O Rei da Feijoada

\*

Conheci o Desembargador Ayrton Maia no Clube Forense, ainda Juiz do sempre lembrado Tribunal de Alçada. Ainda trago na memória a conversa mansa, em céu aberto na manhã de uma amizade que, ali iniciada, perdurou toda a vida.

O ato de viver carrega, em si mesmo, inevitáveis manhãs. Ayrton Maia viveu-as intensamente como numa viagem ao interior da claridade. E nesse caminho, sempre de mãos dadas com a sua Laura, lembrando as histórias dos filhos e netos, ao encontrar os amigos, soube, como nos primeiros acordes do alvorecer, representar uma fonte luminosa de ser, de magistrado digno e independente, de fidelidade aos seus princípios.

Todos, no passado, rompemos na sombra do mundo, poucos, como Ayrton Maia, o sol recebe em seus braços. Resplandecente, a sua memória sempre haveremos de reverenciar.

*Desembargador Joaquim Herculano Rodrigues*

Conheci o Desembargador Ayrton Maia no ano de 1987, na Barraca do Rei da Feijoada, do nosso amigo João Dias, no Mercado Central de Belo Horizonte. Desde então, partilhei de sua companhia e amizade nos encontros de todos os sábados no mesmo local. Personalidade forte, líder nato, observador atento, congregava ao seu redor vários colegas da Magistratura, da Polícia Militar e do empresariado da nossa capital. Ali, depois de fazer sua feira semanal, tomava a sua Antártica bem gelada, que não trocava por nenhuma outra marca, acompanhada de alguns tira-gosto, entre os quais tinha lugar privilegiado o bolinho de feijão. Posso afirmar que o hábito de tais encontros permanece até hoje, por ter sido plantado pelo nosso querido Desembargador Ayrton Maia. Seu sorriso franco estará sempre conosco, alertando-nos do valor da amizade e da simplicidade nesta vida terrena.

*Coronel Jonas Cruz*

\*

TER e SER amigo ou SER e TER amigos.

Ayrton, na sua infância e na sua juventude, na nossa querida Marechal Deodoro (oitenta anos a contemplam), possuía estas qualidades que brotavam de seu coração, fruto de uma educação ímpar, recebida em família e que foi transmitida aos seus filhos, tenho certeza.

Ele fazia questão de TER amigos e SER amigo.

Mesmo alçando aos mais elevados cargos na sua profissão, pela sua capacidade, honestidade, honradez, dignidade e, acima de tudo, com simplicidade, não se esquecia nunca de seus amigos.

Era um dom interior que ele possuía e o cultivava entre seus amigos, com sinceridade, afeição e alegria.

“Amigo não é aquele que tira as pedras do seu caminho e, sim, quem o ajuda a caminhar sobre elas”.

Ayrton é um exemplo e orgulho, por isso continua entre nós.

*José Abdo Hallack*

\*

Sempre me impressionou no meu irmão Ayrton Maia sua paixão pelas verdades definitivas. Debatia e defendia suas convicções nas conversas diárias de forma apaixonada e acalorada. Para ele não havia time de futebol mais organizado e dono das maiores glórias nacionais ou até mesmo mundiais que o Fluminense. A melhor cerveja e que era muito superior a todas as outras, era a Antártica, até o momento em que se associou à Brahma. Depois todas passaram a ser iguais. Não havia local melhor ou mais perfeito para se fazer as compras do que o Mercado Central de Belo Horizonte. E em matéria de cidade era quase impossível encontrar alguma que se comparasse a sua querida Juiz de Fora, posteriormente seguida de Belo Horizonte. Companheiros não existiam outros iguais à turma da parte baixa da Rua Marechal. Mas certamente, nada lhe causava mais prazer e o orgulhava mais do que pertencer ao egrégio Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais (o melhor do Brasil), onde exerceu brilhante carreira e de onde se aposentou compulsoriamente em 1996. Assim permanece na minha lembrança o Desembargador Ayrton Maia.

*Dr. José Henrique Maia*

Irmão

Prof. Ayrton Maia iniciou sua carreira docente na Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC), na Unidade FACE, em 17 de março de 1972. Foi membro do Conselho de Curadores por um período ininterrupto, de 1984 a 2000. Tive a satisfação de ser secretária do Conselho ao longo de sua gestão, como conselheiro, e tive especial satisfação, também como secretária, de 22 de outubro de 1996 a 23 de outubro de 1998, período em que cumpriu a função de Presidente. Trabalhei, pois, diretamente com o Prof. Ayrton Maia, pessoa correta, abnegada, dedicada ao trabalho, educada, carinhosa. Carinho que deixaria, e fazia questão de deixar transparecer, por dona Laura, com quem eu freqüentemente falava ao telefone. Professor Ayrton dizia (e demonstrava) que amava a FUMEC. Em contrapartida, a Instituição confiava nele. Creio ser uma das facetas reais do humanismo o real reconhecimento às pessoas prestativas. Portanto, justiça seja feita, honra ao mérito!

*Dra. Juliana Martins Lopes*

Assessora Administrativa da Universidade Fumec

\*

Tive a oportunidade e o prazer de conhecer o querido Ayrton em novembro de 1972, ao acompanhar a também querida amiga Laura em sua primeira consulta. Nos anos subseqüentes, as inúmeras consultas de rotina, sempre acompanhadas do “maridinho”, se transformaram em uma refrescante e prazerosa pausa, onde pude admirar a sua verve, sua inteligência, sua generosidade e disponibilidade, e o extremado carinho dedicado

a Laura. Com freqüência a consulta desviava para um agradável bate-papo, deixando de lado o motivo da visita médica.

Suas qualidades humanísticas e grande experiência universitária deram-me a coragem para convidá-lo a integrar, mais uma vez, o Conselho Diretor da Fundação Universitária Lucas Machado, mantenedora da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais. Seu enorme coração não o permitiu declinar do convite, mesmo sobrecarregado de inúmeras outras responsabilidades. No período em que estive à frente da Fundação, sua presença foi uma preciosa e segura fonte de conselhos e a Faculdade muito deve à sua atuação.

Esta é a imagem que guardo de Ayrton. Uma figura pública irretocável, um marido e pai de família extremamente presente, dedicado e carinhoso. Um amigo inesquecível.

*Dr. Lucas Vianna Machado*  
Médico

\*

Coincidência feliz fez-me grande amigo do Des. Ayrton Maia. Quando ele veio promovido para a Comarca de Belo Horizonte, foi residir na mesma rua em que eu morava (Rua Carlos Gomes, Santo Antônio). A vizinhança nos aproximou, até que nos tornamos amigos. Na época eu advogava e ele Juiz de Direito da Vara de Assistência Judiciária e, mais tarde, 2ª Vara Cível. Fomos colegas no Tribunal de Alçada, no Tribunal de Justiça, no Tribunal de Justiça Desportiva, no Tribunal Regional Eleitoral e na Faculdade de Administração da FUMEC, onde

nós ambos lecionávamos Direito Empresarial. Quando fui eleito Presidente do Tribunal de Alçada, ele Vice-Presidente no TRE, inverteu-se a ordem.

Nossa convivência diária durou muitos anos, até que ele faleceu. No Tribunal de Justiça, integramos a 3ª Câmara Cível.

Ayrton era preparado, operoso, fiel amigo, companheiro, correto, austero, vertical e, sobretudo, homem de fé.

*Desembargador Lúcio Urbano Silva Martins*

\*

Lembro-me com muita saudade do meu amigo Ayrton Maia. Conhecemo-nos em 1973, quando ele era Juiz de Direito e eu, estagiário. Recordo-me nitidamente da porta de seu gabinete sempre aberta e ele recebendo indistintamente a todos. Com o tempo nossas afinidades nos aproximaram muito e eu pude ter um amigo não só admirável, verdadeiro e leal, com quem aprendi muito porque ele era um exemplo como ser humano. Era respeitado porque merecia todo o respeito do mundo. E era uma pessoa muito querida, daquelas que a gente nunca quer deixar ir embora porque são imprescindíveis e, por isso mesmo, inesquecíveis.

*Dr. Luiz Otávio Mourão*

Diretor Jurídico Corporativo da Andrade Gutierrez

\*

Há mais de 40 anos, minha esposa Yêda e eu conhecemos o Dr. Ayrton e a D. Laura, sua esposa, na cidade de Iriri, uma praia muito tranqüila do Espírito Santo, onde sua família passava as férias em um hotel de minha propriedade. Durante algumas férias, fazíamos um passeio de barco a uma ilha próxima à praia de Iriri - a Ilha dos Cabritos. Era um passeio muito bom em que o Dr. Ayrton, eu e vários amigos passávamos o dia bebendo, conversando e voltávamos somente ao final da tarde. Fizemos também diversas viagens a vários países e pelo Brasil. Lembrome de que, em Portugal, passamos por vários vinhedos onde parávamos e o Dr. Ayrton saboreava os vinhos com muito prazer.

Mesmo devido a sua posição como juiz respeitado daquela época, Dr. Ayrton tratava a todos do mesmo modo, com simpatia, brincadeiras e, assim, tornamo-nos íntimos. Nunca discutimos ou tivemos algum senão e nossa amizade foi crescendo. Sempre o admirei como homem, pai, marido e excelente profissional, nunca desmerecendo nenhuma pessoa. Todas as vezes que eu precisei de suas orientações profissionais, recebia-me com toda a atenção, nunca negando nada a mim e aos meus amigos.

Foi um homem abençoado com uma grande companheira, D. Laura, dois filhos exemplares, Francisco e Cláudia, e netos maravilhosos. No início de sua carreira, no interior do Estado, passou por muitos sofrimentos e teve grande ajuda de sua esposa. Em todos os lugares por onde passou, as pessoas o elogiavam devido à sua humildade e benevolência.

Embora amigos íntimos, sempre tive o maior respeito por sua posição social. Quando ele e sua esposa vinham a minha casa, sentia-se à vontade para tirar os sapatos, beber o vinho de que gostava e conversar sobre vários assuntos. Fiquei inteiramente surpreso quando ele me chamou para falar sobre sua doença, pedindo-me segredo. Ele dizia que a única coisa que pedia a Deus era para não o deixar sofrer. Sua perda foi muito

forte e pesarosa para nós. Sempre o tive como um grande amigo e Irmão.

“Um irmão pode não ser um amigo, mas um amigo será sempre um irmão.” (Benjamim Franklin, 1706-1790).

*Luiz Pessoa Duarte*

Empresário

\*

Dizem por aí que se conhece uma árvore boa pelos frutos que esta produz!

A princípio, falar do Dr. Ayrton me pareceu uma tarefa difícil... Não imaginei jamais que, na minha convivência com ele, teria palavras para descrever a natureza e a personalidade que lhe foram tão singulares.

Entretanto, ao longo desse tempo tive a maravilhosa oportunidade de não somente conhecê-lo, mas, conviver por mais de 25 anos com o meu amigo e querido irmão de fé, seu filho Francisco Maia.

Por meio dessa convivência, posso afirmar com certeza que o Dr. Ayrton foi um homem espetacular! Sempre colocou em sua vida a ética, a justiça e a honestidade como valores principais, o que lhe tornou uma figura especial e querida por todos que tiveram o privilégio de conhecê-lo, transformando sua estada nessa vida em uma bela e extraordinária jornada.

Ao longo de todo o meu relacionamento com o Chico, percebia claramente a semelhança de seu pai com as atitudes e jeito de agir do meu. Homem simples e honesto, tinha na família um de seus principais valores. Caráter e dignidade lhe

foram peculiares e em toda a sua trajetória profissional isso ficou sempre muito claro!

Em nossas conversas em viagens (que não foram poucas), Chico e eu sempre encontrávamos semelhanças nas atitudes de nossos pais e, cada vez mais, essa amizade se fortalecia.

Dr. Ayrton, que grande e bela árvore o senhor foi! Parabéns pelos frutos que produziu em sua vida e que Deus lhe guarde eternamente!

Sempre lhe tive uma grande admiração e respeito, e tenha certeza que seus filhos Francisco e Cláudia e seus netos, dos quais o senhor muito se orgulhava, tornaram-se grandes frutos e estão dignamente honrando o seu nome!

*Dr. Marcelo Patrus*  
Empresário

\*

Lembro-me bem, era o casamento do nosso sobrinho Francisco, filho mais velho do Ayrton. A festa decorria alegre e muito animada. De repente o Ayrton recebe um telefonema, e diz que vai ter que se ausentar por um breve tempo: “Um grande amigo está precisando de mim”. Não sei precisar, mas uma ou duas horas depois, chega ele, dizendo: “Graças a Deus pude ajudar”. Ninguém perguntou quem era ou quem foi. Conhecíamos sua descrição. Ayrton sempre foi muito solidário com os amigos e os amigos dos amigos. Alegre, sempre presente, nunca o víamos triste.

*Sr. Márcio Antonio Maia*  
Irmão

Para mim é uma enorme satisfação a oportunidade de

falar sobre o Dr. Ayrton Maia. Conheci-o pessoalmente poucos anos atrás, por intermédio de sua filha Claudinha. Encantei-me com o pai de minha amiga, um senhor bem humorado, inteligente, agradável, sempre contando casos de uma maneira encantadora e cativante. Mas o que mais me impressionou e para mim foi e é um ensinamento é que, apesar de exercer cargos com tanto poder, ele tratava as pessoas com simplicidade e de forma humana, sem arrogância. Este é para mim o verdadeiro poder, e não são todas as pessoas que sabem exercê-lo com tanta maestria como o Dr. Ayrton. Por tudo isso, foi um enorme prazer conhecer e conviver, apesar de tão pouco tempo, com esse pequeno grande homem.

*Sra. Maria Helena Hadad*  
Empresária

\*

Alguns anos atrás, estava em casa com parentes, comemorando meu aniversário, quando alguém me chamou e falou que uma amiga queria falar comigo: "Parece aflita". Atendi prontamente quando a pessoa se identificou pedindo que ligasse para o Ayrton, que seu cunhado estava preso por uma denúncia não verdadeira. Sua irmã e filhos estavam muito aflitos e não se conformavam de ver um esposo e pai tão digno passar a noite na delegacia. Prontamente liguei para o Ayrton e lhe disse que se tratava da filha e esposa de um grande amigo de nossos pais e avós. Eram mais ou menos 10 horas da noite. Em menos de 30 minutos ele retomou e falou: "Ele já está solto". A alegria foi geral, apesar de não conhecer o senhor

pessoalmente, sabíamos que se tratava de uma pessoa de bem e muito conceituado. O Ayrton era assim, tinha um prazer imenso em atender aos pedidos que lhe faziam. Era amigo na acepção primeira da palavra, jamais deixou de atender um pedido desta sua irmã que lhe tinha muito carinho e afeição.

*Maria Luiza Maia Rebello*

Irmã

\*

Antes de tudo ponho em destaque a honra de que me sinto possuído em ter meu inexpressivo nome incluído entre aqueles selecionados por vocês para prestar depoimento sobre a pessoa singular de seu pai, o inesquecível Des. Ayrton Maia.

Além disso proclamo o fato certo de ter sido ele um dos amigos que mais prestaram solidariedade a mim e a minha mulher Lurdinha, quando tivemos que enfrentar terrível problema de ordem familiar, hoje, felizmente e com o efetivo apoio do Desembargador, plenamente superado.

Agora, o episódio que marcou em mim a grandeza de espírito do Des. Ayrton Maia e deflagrou minha amizade e admiração por ele: era eu jovem advogado e recém-empossado auditor do TJD, por indicação da AGAP, quando, ao proferir meu voto de Relator num processo disciplinar, fui interrompido, sem pedido de aparte, pelo então Presidente do Tribunal Des. Ayrton - que discordava do meu entendimento quanto à decisão a ser proferida. De imediato, e hoje me penitencio pelo tom nada cortês, repeli a intervenção feita durante meu voto e, ainda rispidamente, declarei que se alguém discordasse daquilo que

minha consciência me impunha que o fizesse se integrasse a turma julgadora e quando fosse sua vez de votar. Terminado o julgamento, e ao contrário do que muitos dos presentes esperavam, o querido Desembargador interrompeu a sessão e, desprovido de qualquer vaidade, deixando de lado as culminâncias que atingiu por méritos próprios em sua magnífica carreira de magistrado, pediu-me desculpas de público e incentivou-me a procurar manter e preservar ao longo de minha vida a independência de meu pensamento. Nasceu ali a admiração, a amizade e o mais profundo respeito que dediquei ao “pequeno” GRANDE Des. Ayrton Maia.

*Dr. Mário de Lima Pereira*  
Advogado

\*

Um raio de sol, ainda que por pouco tempo, aquece e ilumina mais que qualquer fonte natural.

Dessa forma entendo o convívio, embora curto para meu desejo, porém, esfuziantemente pleno, para meu espírito, que tive com o Dr. Ayrton: como enriquecedor para aqueles que tiveram a sorte de receber o lume desses astros, aquele berço da vida, este esteira, a um tempo, da emoção e da razão.

O que mais nos identificava era sua admiração pelo tango. Contou-me de suas viagens à Argentina e, sobretudo, pelo interior desse país, dizendo ser esse muito belo. E eu digo: belo foi o seu interior.

*Maurício Chebly*  
Empresário

Em memória de um irrepreensível, a honra que tive no passado recente com um convívio gratificante e digno a revivo agora.

Raras vezes o destino nos reserva emoção tão significativa: a convivência diuturna em lide profissional com ser humano da valoração de um Ayrton Maia, o nosso para sempre querido Desembargador Ayrton Maia.

Pode parecer um paradoxo dizer que ele não está mais vivo entre nós. Guimarães Rosa foi bem claro ao afirmar que “algumas pessoas não morrem, se encantam!” E mesmo o genial Drummond de Andrade garantiu-nos que: “as coisas tangíveis tornam-se insensíveis, à palma da mão”, e “as coisas findas / muito mais que lindas / estas ficarão!”

Eu creio, sinceramente, que este é o caso de Ayrton Maia: sua imagem translúcida me ocorre, sempre, à mente: o chefe exato, o cidadão irrepreensível, esmerado, elegante, o magistrado equânime, despido da postural carranca artificial reveladora de autoridade, dela não necessitava, pois dele emanavam carisma e credibilidade ínsitos, ali o amigo sincero, o pai e avô carinhoso, o marido, ah! o marido terno e meigo, sempre apaixonado pela querida Dona Laura. Religiosos, ambos.

Permaneceu esta abstrata manifestação sensível de um intenso e excepcional homem e seus exemplos de vida aos seus descendentes, a todos os que lhe foram caros e presentes no meio de nós. A sua marca de profissional exemplar, a sua imagem, razão a dispensar justificativas. Por um nome assim, capaz de escrever e legar história, é que seus admiradores, no presente, fixam os olhos no futuro.

Por isso meu coração outra vez bate mais forte, quiçá em movimentos de “sursum corda”?! Sim, talvez em uma chamada a elevar a mente e o coração a fazer o melhor, a inteligência a fazer seu uso racional e o ânimo a prosseguir no valor e na esperança.

*Dr. Milton Drummond Fortes da Silva*  
Delegado Geral de Polícia

O nome do saudoso Desembargador Ayrton Maia encontra-se entranhado na história do Poder Judiciário de Minas Gerais pelas suas virtudes, qualidades, talento, que fizeram o magistrado consciente, exemplar, honesto, independente, competente, sereno e compreensivo.

Dizia que julgamento dever-se-ia fazer com “bom senso” para exata interpretação da lei, olhando-se para a realidade, sem desprezar que “o juízo humano pode ser falível”.

Homem bom. Exemplar marido pelas próprias palavras de quem esteve a seu lado: Dona Laura. Os filhos, Francisco e Cláudia, amava-os e sempre deles comentava. Quando falava da sua família, o seu sorriso aparecia espontaneamente, demonstrando alegria e felicidade.

O nome do Desembargador Ayrton Maia está na trajetória das lições fincadas nas suas decisões judiciais e na lembrança de quem o conheceu, com ele viveu e socialmente conviveu como amigo e colega.

*Desembargador Nilson Reis*

\*

Para falar sobre o Desembargador Ayrton Maia, num espaço de apenas 10 linhas, teria de ser um gênio em poder de síntese, pois a grandeza de sua expressão superlativa não cabe nem mesmo em um compêndio.

Era amigo dos seus amigos.

Era um homem feliz e completo, pois amava fervorosamente a sua querida D. Laura, sua alma gêmea.

Era um pai extremoso e venerado pelos seus filhos “Claudinha” e “Franscisquinho”.

Era um avô “coruja”, que falava e nominava orgulhosamente os seus netos inigualáveis.

Era um filho que jamais esquecia a D. Rosa e seu Francisco, seus pranteados pais.

Enaltecia, cantava e decantava a sua Juiz de Fora, a qual visitava com freqüência, para convivência fraternal com a “Turma da Marechal”, seus amigos e companheiros de juventude.

Era um magistrado de estatura moral e intelectual inigualáveis.

Era amante e defensor intransigente da moral, da ética e da disciplina.

Foi, em todos os seguimentos por ele freqüentados, um paradigma.

Foi um exemplo que haverá de ser seguido pelas gerações futuras.

Quem teve a ventura de desfrutar da sua amizade, fez da convivência com ele um aprendizado.

*Desembargador Osmando Almeida*

\*

Tive o privilégio de conhecer o Desembargador Ayrton Maia em 1992, por ocasião da campanha pela prefeitura de Belo Horizonte. Na época, ele presidia o TRE e fui testemunha de como conduziu todo processo com transparência, correção e eficiência, sem jamais perder o senso de humor. Tive também a oportunidade de ter com ele alguns bons encontros informais. Era freqüentador sabático do Mercado Central, onde gostava de contar causos, de conviver com aquele pluralismo democrático do lugar, de conversar com as mais diferentes pessoas.

Ele sempre se mostrou muito amável, ao mesmo tempo, muito rigoroso na aplicação das normas jurídicas, no seu compromisso com o Estado Democrático de Direito, cioso de seu papel no bom andamento da Justiça no país. Sem dúvida, um homem que deixou sua forte presença entre nós.

*Dr. Patrus Ananias*

Ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

\*

São muitas e boas as recordações do tio Ayrton. Bom orador, prendia a atenção dos ouvintes com seus casos. Um mestre conselheiro, a quem recorriamos nas decisões importantes e nos momentos difíceis. Tratava cada pessoa, conhecida ou não, com atenção particular e especial. Suas qualidades ficam como exemplo a ser seguido e fazem dele uma pessoa também especial para nós.

*Dr. Paulo de Faria Júnior*

Sobrinho

\*

Era o ano de 1981 e fui encontrar o Dr. Ayrton Maia, então Juiz do Tribunal de Alçada, no Restaurante Lisboeta, na Rua Marechal Deodoro, em Juiz de Fora. Recém-aprovado em concurso, tinha eu a pretensão de ir para a Comarca de Tombos.

Recebeu-me o Dr. Ayrton Maia com a sua costumeira simpatia, fazendo elogios à cidade e ao povo tombense. De fato ajudou-me junto ao Tribunal, no sentido de ser indicado para aquela acolhedora Comarca e no relacionamento com meus futuros jurisdicionados, tendo em vista gozar ele, de fato, de muito prestígio entre o povo bom e hospitaleiro de Tombos. Fui muito feliz em Tombos, graças à indicação do experiente Magistrado.

*Desembargador Paulo Roberto Pereira da Silva*

\*

Desembargador, Professor, Doutor, Pai, Avô, designações de um Homem que soube ser Amigo da sua esposa, dos seus filhos e netos, dos seus alunos e, acima de tudo, Amigo dos seus Amigos. Um Homem sério que amou sua família e que soube honrar e engrandecer o nome da magistratura do seu estado. Foi poderoso sem, contudo, ser exibicionista, justo sem ser insolente, humilde sem servilismo e usou sua autenticidade sem precisar da agressividade. Este Homem que conheci pelo convívio do seu filho e meu Amigo Francisco, com o passar dos anos tornou-se também meu Amigo.

*Dr. Paulo Roberto Silva Ligório*  
Engenheiro

\*

Falar sobre Ayrton Maia, sua passagem entre nós, não é tarefa difícil, porque sua vida foi rica, marcante, pelo homem que foi.

Sintetizo sua vida em frase feita pelo cineasta Woody Allen: “Somos a soma de nossas opções”.

O Desembargador Ayrton Maia optou ser bom marido, bom pai, bom amigo, bom magistrado: Sua passagem não foi daquelas indeléveis, deixou exemplos inesquecíveis de como devemos e podemos ser, motivo pelo qual prefiro pensar tal como Epicuro, filósofo grego: “a morte não é nada para nós porque, enquanto existimos, a morte não existe e quando está presente, estamos ausentes”.

Sua ausência é sentida por aqueles que tiveram o privilégio de conhecê-lo, pois privados estão de agradável companhia.

*Desembargador Pedro Carlos Bitencourt Marcondes*

\*

Tive o privilégio de conhecer o Desembargador Ayrton Maia, grande Jurista, exemplo de caráter, homem inteligente e sagaz. Sobretudo o verdadeiro amigo dos amigos. Nele pude perceber apenas um defeito: o de não ser atleticano, deixando entretanto dois verdadeiros torcedores do Galo, o filho Chico e o neto Luis Fellipe. Sempre ao lado da esposa e companheira D. Laura, Dr. Ayrton sem dúvida alguma deixará saudades aos que com ele conviveram.

*Dr. Renato Moraes Salvador Silva*  
Empresário

Mais uma quarta-feira de Corte Superior. O destaque do dia era uma representação contra o Juiz de Carandaí.

À porta da sala, conversavam os Desembargadores Ayrton Maia, Hugo Bengtsson Júnior e Caetano Carelos (coincidentalmente, os três eram de baixa estatura). A conversa girava em torno da pauta de julgamento.

Eis que chega o advogado representante do Juiz, mira o trio e dispara: “Como a Justiça mineira é tão baixa!”

O Des. Ayrton Maia, insatisfeito com o despropósito do comentário, retrucou: “Baixa é a altura dos julgadores, mas a Justiça de Minas Gerais é à altura de qualquer decisão!”

O advogado tentou se desculpar, mas não lhe deram atenção. Com isso, ele ficou tão constrangido que não sabia se entrava e fazia sua inscrição para a sustentação oral.

*Rogério César Luiz*  
Serventuário da Justiça

\*

O meu breve relacionamento com o Desembargador Ayrton Maia foi certamente gratificante. Isso por ter tido a oportunidade de conhecer um ser humano com o caráter e espírito forte, honesto, determinado e ético. Algumas passagens me tocaram profundamente. Quando o conheci assistindo-o como médico, após examiná-lo, o Dr. Ayrton me questionou, preocupado com a questão ética, se a Dra. Mabel (então sua clínica assistente) estava ciente da minha visita. ÉTICA. Já no Hospital Felício Rocha, hospitalizado, dois momentos em especial me chamaram atenção. Apesar de estar vivenciando

momentos difíceis, lutando contra uma grave doença, externou o desejo de ajudar uma senhora, residente em Juiz de Fora, no IPSEMG. SOLIDARIEDADE. No segundo momento ouvi palavras que efetivamente mostraram a força espiritual do nosso amigo; pediu que todos saíssem do quarto e me disse: “Roberto, Deus tem sido muito generoso comigo, atingi uma idade que poucos alcançariam, aprendi bastante e fui presenteado com uma companheira ideal e dois filhos maravilhosos, por isso, sou grato. É chegada a minha hora, me sinto espiritualmente em condições de partir, não quero me submeter a qualquer tratamento médico agressivo, não aceito vida vegetativa. Apenas reduza a minha dor física”. Abracei o Dr. Ayrton com carinho e emocionado. DESPRENDIMENTO. Acredito que esta breve passagem foi a razão da minha grande admiração e aprendizado.

*Dr. Roberto Porto Fonseca*  
Médico

\*

Tive o privilégio de conhecer e conviver com o Desembargador Ayrton Maia, uma dessas raras pessoas que deixam em nós um sentimento de admiração e respeito.

Convivi mais de perto com ele durante o Governo Itamar Franco e na Fundação Lucas Machado.

Dr. Ayrton, homem de baixa estatura física, tinha uma enorme estatura moral e intelectual, que o faziam respeitado por todos.

Ser convidado a escrever essas linhas em sua memória muito me orgulha e honra, pois tive nele, um mestre que sempre reverenciarei.

*Dr. Sérgio Bruno Zech Coelho*  
Ex-Presidente do Minas Tênis Clube

\*

Outra faceta do Dr. Ayrton Maia. Vamos falar do nosso caro amigo Ayrton, esportista, intransigente, defensor do Tricolor carioca, Fluminense, desde *os* primórdios da infância, sempre temia um FLA-FLU. Em Minas procurava esconder a simpatia pelo América (Deca), mas tendo ocupado o mais alto cargo do Tribunal de Justiça Esportiva de Minas Gerais, foi sempre justo e imparcial.

Somente seu primeiro neto, Luis Fellipe, conseguiu fazê-lo mais ameno para com o nosso “GALO”, o qual ele também passou a admirar, mais para agrado do filho - Dr. Francisco Maia, e de seu neto, como falamos.

Deixou saudades aos amigos, que fez em todas as áreas que militou, e foi desde 1968, quando nos conhecemos, um dileto amigo e paciente.

*Dr. Vicente Assis*  
Médico

\*

Tratava-me por Tatá. Eu sempre o chamei de Desembargador, mas ele jamais permitiu que a idade, a experiência ou a importância espaçassem nossa estreita amizade. Nos tempos em que a minha vida deslizava nos mares da prosperidade, sempre me alertou, com a severidade de quem me queria muito bem, sobre as muitas impropriedades da minha conduta. Quando os inevitáveis tropeços aconteceram, demonstrou a mais carinhosa solidariedade, acolhendo-me no seu carinho infinito, sem censuras, sem “eu-te-disses”. Gostava de mim, era meu amigo. Isso para ele bastava, era definitivo. Nunca tripudiou, mesmo quando podia tê-la feito. Esta foi, aliás, a marca registrada do Desembargador Ayrton Maia: era amigo dos amigos. Aliás, era o AMIGO. Nasceu para isto: ser amigo.

Boa praça, alegre, solidário, nunca deixou que se interpusse entre ele e aqueles de quem gostava a mácula do abandono. Os amigos podiam errar, e muitos deles erraram em algum ponto. Naquelas horas, aparecia o Desembargador, firme, sereno e amigo. E que amigo! O amigo definitivo, compreensivo, solidário, carinhoso. Gostava de servir, de ajudar, tinha sempre em mente o papel que a vida lhe reservou: o daquele que sempre estava disposto a dar segundas, terceiras e outras tantas oportunidades. Era humano, era gente, e como gente julgava as gentes que lhe cruzaram o caminho. Pena que pessoas como Mauro Belém Botelho, Roberto Cohen, Flávio e Roberto Gutierrez e Luiz Rangel não estejam mais aqui para darem o testemunho do valor de sua amizade. Eu estou e me sinto responsável pela missão de deixar um relato sobre o melhor professor de amizade que tive na vida. A tristeza imensa de não tê-lo ao meu lado é abrandada pela felicidade infinita de poder ter convivido com ele por longos anos de uma próxima amizade. Esta amizade permanecerá até depois de meu último suspiro e vive hoje na amizade que dedico ao Chico, à Cláudia, à Da. Laura, ao Zé Henrique, ao Seu Márcio, ao João Dias,

ao Dr. Vicente e a tantos outros amigos, feitos na órbita dos que conviviam com aquele super amigo. O melhor amigo que poderíamos ter pedido a Deus. Todos sentimos saudade dele.

*Dr. Walter Santos Neto*  
Advogado

\*

Desembargador Ayrton Maia, o ser humano, o jurista, o amigo. Difícil falar dele, não há palavras para descrevê-la, homem íntegro e de sorriso largo, pessoa de coração bom e cativante, profissional sério e honesto, Magistrado digno do termo “Juiz de Direito”. Jamais me esquecerei das longas horas de conversa, de suas palavras, seus conselhos... Foi por suas mãos que primeiro adentrei as portas do famoso Mercado Central, na capital mineira, e ali tantos amigos conheci, e foi por suas palavras de incentivo que decidi tentar carreira na Magistratura, e hoje, com orgulho, sou Juiz nas vastas terras das Gerais. Sua ausência física agora é preenchida pelas mais gratificantes lembranças, conduzindo-nos por entre todos aqueles valores que nortearam sua existência. Não nos esquecendo do seu célebre pensamento, o qual seguiu em toda sua vida pública, inspirado no Apóstolo Paulo: “combatendo o bom combate”.

*Dr. Wanderley Salgado Paiva*  
Juiz de Direito

\*



**Parte 5**  
**Artigos**

---

---



# O juiz integral

*Rogério Tolentino*

Homenagem da **Precisão Avaliações e Perícias** ao Desembargador Ayrton Maia.

Quem, pelo longo tempo de quatro décadas, se dedica a um ofício, é um profissional competente. Quem, além da extensa dedicação ao ofício, tem o dom natural de bem trabalhar nele, é um profissional excelente. Quem gasta grande parte da vida no ofício, é naturalmente talhado para exercê-lo, e ademais tem por ele um amor desmedido, esse é um profissional absolutamente extraordinário.

Pessoas existem que se destacam pela sua aptidão inata para um ofício. Mas existem aqueles que são chamados pelo ofício, ao invés de elegerem-no. São os que exercem uma atividade não porque a escolheram, mas porque a atividade já os escolhera, muito antes, e naturalmente, como uma predestinação, ou preordenamento estabelecido por forças superiores.

Sendo assim, o que se pode legitimamente supor é que essas são pessoas que já vieram ao mundo com uma tarefa adrede definida, que vieram para um fim específico, para cumprir um encargo no qual são os melhores. Todos temos visto, nesta ou naquela atividade, esses iluminados.

Um deles, aliás, ao fim de quarenta anos de dedicação à toga, pois era um magistrado, acaba de receber da lei a ordem inflexível para se aposentar. E como servo amantíssimo da lei, curvou-se, e deixou o pretório, depois de devolver a toga que lhe

dera a lei, e que o qualificava para o poder de julgar. Refiro-me ao Desembargador Ayrton Maia.

Julgador notável, profundo conhecedor do Direito e da natureza humana, adversário ferocíssimo da injustiça, capaz de ditar os seus julgamentos sem vacilação e sem qualquer tipo de temor, naturalmente brando com os humildes e altaneiro diante dos poderosos. O Juiz que foi juiz vinte e quatro horas por dia, cuja postura revelava a certeza de que a toga, mesmo fora do pretório, sempre estava sobre os seus ombros.

Sempre se discute a respeito da disposição constitucional que impõe a aposentadoria forçada aos setenta anos do servidor. Existem os que a aplaudem e os que com ela não se conformam. Boas razões ouvi, de um lado e de outro, com argumentos valiosos contra e a favor.

Não pretendo, nesta oportunidade, uma incursão no mérito da questão. O tema não cabe nestas considerações, nem encontro razão para estabelecer debate com os que têm opinião diversa da que posso eventualmente ter. Muitos indagam sobre a norma legal: será ela criteriosa, quando impõe a inatividade compulsória, ou não?

Ainda não foi noticiada a pacificação da questão, que põe em campo adversário ardentes defensores de uma e de outra corrente. Por enquanto, sendo assim, melhor é lembrar do princípio de que a lei é justa, e boa. E com isso o tema se retira de cena. Afinal, “legem habemus”.

Mas, é imperiosa, em certos casos, a constatação de que a lei, ou melhor, os efeitos dela, podem provocar alguma perplexidade. E fico, um tanto desconcertado, imaginando que perda, quanta, não teve a Justiça Mineira com a aposentadoria do Desembargador Ayrton Maia.

Decerto, os talentos dos seus vindouros não deixarão que a Justiça se ressinta dessa perda, e ela, a Justiça, ainda permanece incólume a poder da proficiência dos que ali da pontificam no Tribunal de Justiça. Mas o que pretendo ressaltar é exatamente a

pontada de amargura que fatalmente vem quando sei que tantos bons officios poderiam o Desembargador Ayrton Maia prestar, ainda e por muito tempo, ao Poder Judiciário.

Desempenado, ressumando vitalidade, cheio da lucidez que o marcou sempre, experiente, arguto, e íntimo das leis, é claro que para ele o tempo não foi um fardo. Via, clarividente, ao pinçar de uma demanda para muitos complicada, o ponto chave para sua elucidação. Senti, todos os dias dos anos em que tive o privilégio de ser o seu Assessor Judiciário, como se iluminava o seu semblante ao decidir, certo de que estava ditando a boa justiça. E percebi quão desmedido foi o seu amor à toga, quanto a sua consciência de que o poder de julgar é, antes de poder, dever de fazer justiça. Vivendo com ele a sua intimidade de juiz, vi essas coisas. Juristas preciosos tiveram assento no Tribunal de Justiça, e outros virão, quando chamados a substituir os que lá se encontram. Mas existirá ali, indelevelmente, um nicho especial, um capitel de coluna, ou uma dourada moldura, que guardará para sempre a imagem do juiz que sempre quis ser somente juiz. E que soube ser, integralmente.

Jamais vi tamanha dedicação ao ofício. Acho, se ele pudesse, teria se levantado uma hora mais cedo, durante todo o tempo da magistratura, somente para ser juiz vinte e cinco horas por dia...

## **Ayrton Maia: sinônimo de ética**

*Décio Freire*

Neste domingo, 10 de setembro de 2006, Minas Gerais perdeu um de seus melhores mineiros. Um mineiro apaixonado pela família, pelas tradições, pelo judiciário, um multiplicador de amigos.

Formado em Direito em 1952, pela Faculdade de Direito de Juiz de Fora, cidade onde iniciou sua carreira como escrevente juramentado do Cartório do 1º Ofício de Notas e onde exerceu a advocacia de 1953 a 1957. Ingresso na magistratura, por concurso público, em 1957, tendo sido Juiz de Direito das Comarcas de Tombos (1957), Eugenópolis (1961), Muriaé (1964) e Belo Horizonte, a partir de 1968.

Foi Juiz do Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais de 1974 a 1977 e de 1992 a 1994, quando chegou a ser presidente do TRE/MG. Promovido a Juiz do Tribunal de Alçada, ali desempenhou seu mister de 1977 a 1982, quando foi alçado a desembargador do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, onde ficou até se aposentar, compulsoriamente, em 1996.

Por 39 anos, Ayrton Maia foi figura de proa na magistratura mineira. Foi figura ímpar na defesa da integridade da classe, na valorização do magistrado. Foi testemunha presencial da atuação incansável de Ayrton como Auditor Geral do Estado, que inteligente e meritoriamente o governador Itamar Franco teve ao seu lado em prol da defesa da legalidade.

Ayrton foi um nome acima das questões partidárias, foi um ícone de respeitabilidade mesmo nos momentos mais difíceis, tendo sido convidado, com todo o mérito e toda a justiça, pelo competente Aécio Neves, para presidir o Conselho Superior de Ética do Estado.

Tive o privilégio, o orgulho e a distinção de conviver intimamente com o Dr. Ayrton. Na qualidade de mais que amigo, de vizinho de muro, de colega que contou com sua experiência na consultoria de meu escritório. O nosso amigo Ayrton das tradições. Não trocava por nada as manhãs de sábado no Mercado Central. As caminhadas diárias, com seus passos lentos, não pelo cansaço (Ayrton era incansável), mas pela interrupção da legião de amigos que cismavam em interrompê-lo no cooper matinal pelo São Bento.

Ayrton comovia como pai, tamanha a ternura com “Francisquinho” e “Claudinha”, carinhosamente tratados no diminutivo, apesar do admirável desempenho profissional de ambos, que sempre tanto orgulhou nosso Ayrton. A paixão pelos netos, para quem Ayrton fazia questão de, pessoalmente, preparar os quitutes de domingo. O amor sublime, incondicional, pela sua Laura, companheira de todas as horas, com quem Ayrton forma um casal exemplar para todos os outros. Laura teve um problema de joelho. Ayrton não teve dúvida: colocamos um elevador em casa para aliviar-lhe o aclave das escadas da casa da Rua Professora Iracema Pimenta. Este era o Ayrton Maia.

Em 30 dias, Minas tornou-se substancialmente mais pobre. Perdemos Dom Luciano Mendes de Almeida, árduo defensor de tudo que há de justo. E poucos dias depois, ficamos sem Ayrton Maia, que, como Dom Luciano, tinha, na tranquilidade de presença, na lealdade das palavras, na amizade do olhar e no comportamento sempre de amor ao próximo, um diferencial sem igual. Minas fica mais pobre sem Dom Luciano e Ayrton Maia.

## Ayrton Maia

*Antônio Orfeu Braúna*

Você já viu a lua cheia batendo de frente em seus olhos, saindo de Pirapora e indo para Montes Claros? Adoro Montes Claros. Foi lá que nasceu minha primeira neta. Ah, o Norte de Minas de Araçuaí, de onde vieram os Fulgêncios! Já ouviu as serenatas nas noites de Diamantina? Viu, na praça de Teófilo Otoni, as esmeraldas? E, por acaso, comeu lagostas do rio Doce? Nem sei se ainda existem, depois da represa da querida Aimorés.

Sentiu o frio e bebeu água lá pelo Sul de Minas? Observou a pecuária de Uberaba, a pujança de Uberlândia e do Portal do Triângulo? Sabe, sem dúvida, das riquezas do Vale do Aço, de um lado produzindo e, do Oeste, fazendo a gusa. Conhece a Zona da Mata, com aquele jeito carioca? Como diria o poeta, são muitas as Minas. Já sentiu, nas madrugadas, a garoa de Juiz de Fora molhar seu rosto, andando a pé pela Avenida Rio Branco, vindo do restaurante Rio Lima (hoje Brasão), saído da redação, de qualquer lugar? Do bar do Gaudêncio, do Neca, de tantos e tantos lugares com janelas voltadas para Copacabana, Sem duvidar que Dr. Ayrton fez isso na terra onde nasceu.

São essas coisas simples, que quase nem notadas e tão expressivas, que me levam ao desembargador e amigo Ayrton Maia. Juiz-forano, grande homem, mesmo que de estatura pequena. Os homens não se medem pela estatura física. Mas, pela mesma beleza das cenas que relembrei acima. Dr. Ayrton, desembargador brilhante e freqüentador, aos sábados, do Rei

da Feijoada, o João, no Mercado Central. Dr. Ayrton era assim, doce como as vozes e violões das serestas; belo como o luar do sertão; manso e, ao mesmo tempo, atraente como os trejeitos da Zona da Mata; forte como o pessoal do Norte; determinado como o empreendedorismo do pessoal do Pontal do Triângulo; rico de espírito e firme como o saber dos uberabenses. Mineiro como poucos.

Foi-se o Dr. Ayrton Maia, deixando um vazio enorme no peito de seus amigos, aos quais não escolhia pela profissão, nem pelas riquezas materiais, mas pelo cheiro, digamos assim, da fraternidade e da dedicação e luta pelos grandes ideais. Vendo-o, aos sábados, no açougue do João, no Mercado, ninguém poderia dizer que era o jurista que foi. Chegando-se, então, mais perto dele, via-se o homem que todos desejamos ser e que perdemos. Mas como se diz que a morte não tem jeito e alcança a todos, o Dr. Ayrton Maia foi primeiro, sem dúvida, para aplinar o caminho que também nós haveremos de percorrer. Fica a saudade.

## **Blog do Jorn. João Carlos Amaral**

### **Padre Wagner Portugal**

Minas perdeu um grande homem! O nosso amigo, o Desembargador AYRTON MAIA, um mineiro de Juiz de Fora, amigo de Colégio do ex-presidente Itamar Franco, e com quem convivemos e entrevistamos quando estávamos na Rede Globo e depois na TV Assembléia, aqui em BH, nos últimos mais de 20 anos. Conheci o Dr. Ayrton Maia como presidente do TRE. Lamento profundamente sua morte. Nossos pêsames à viúva do Dr. Ayrton Maia, dona Laura e a seus filhos, o meu amigo Dr. Francisco Maia Neto e sua irmã, a Desembargadora Dra. Cláudia Maia. E recomendo a leitura deste texto do padre WAGNER PORTUGAL, colunista do site do meu amigo, o jornalista barbacenense Márcio Bertola.

([www.marciobertola.com.br](http://www.marciobertola.com.br)):

No dia dezesseis de setembro passado, na Igreja Bom Pastor, por comissão especial do Exmo. e Revmo. Sr. DOM EURICO DOS SANTOS VELOSO, digno e culto Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora, presidi a Solene Missa do Sétimo dia pelo sufrágio da alma do saudoso DESEMBARGADOR AYRTON MAIA, ilustre filho de Juiz de Fora. Concelebrou comigo a Santa Missa o Vigário Paroquial da Paróquia Bom Pastor, o caríssimo irmão Padre Elílio de Matos Filho.

O meu coração se encheu de saudade e de gratidão a Deus pela delicadeza do Senhor Arcebispo, pelo seu gesto tão dedicado e generoso, de me conceder tão nobre missão, de prestar as mais vivas homenagens de gratidão da Igreja Particular de Juiz de Fora à figura maiúscula do homem público e do Magistrado inigualável que foi o DESEMBARGADOR AYRTON MAIA.

Dizia, ao final da Missa, dirigindo-me à viúva, D. Laura, aos filhos, Dr. Francisco Maia Neto (com quem mantenho os mais vivos laços de amizade pessoal desde os tempos universitários em Belo Horizonte) e a ilustre Desembargadora Cláudia Maia, aos demais irmãos, parentes e amigos, destacando-se a significativa presença do Presidente Itamar Franco, de quem o extinto Magistrado foi um dos interlocutores frequentes e político do primeiro time de seu Governo Estadual; ressaltai que tanto na Magistratura quanto na vida da Igreja a renúncia aos ofícios chega em idade um pouco “jovem” para os parâmetros da “jovialidade” que se alcança nos dias atuais: aos setenta anos para um Magistrado e aos setenta e cinco anos para um Bispo.

Logo no auge de seu serviço laboral ou ministerial, tanto o Magistrado como o Bispo, experimentados e prontos para darem mais de si tanto para o Estado quanto para a Igreja, são convidados para se retirarem para aquilo que se chama de “merecida” aposentadoria. Sou dos juristas que penso que este dispositivo deveria ser revisto. Para os Magistrados a aposentadoria deveria ser aumentada para setenta e cinco anos e para os Bispos para os oitenta anos, ou, seguindo o melhor sistema dos Estados Unidos da América do Norte, no sistema da Suprema Corte, o Juiz, tendo sanidade e disposição, morre no ofício. Isso é um tributo à tenacidade e um reconhecimento a tudo o que o Estado e a Igreja receberam da dedicação de seus Magistrados e Pastores.

AYRTON MAIA foi um homem assim. Viveu a sua vida para a Magistratura. Era um Juiz completo. Em seu tempo de Magistrado, em todos os ofícios que ocupou na Magistratura do Estado de Minas Gerais deixou a sua marca de altivez, de competência, de ilimitado conhecimento jurídico e de liderança nata. Um lorde que sabia cativar pela sua presença, pela sua liderança vencedora, de um homem que se impunha

não pela arrogância das notas sociais, mas pela Competência do conhecimento acumulado nos anos de estudo, de trabalho, de dedicação ao ofício abraçado nos albores de sua juventude.

Aposentado por força constitucional, foi convocado pelo Governador Itamar Franco, homem de liderança absoluta em nosso País, para gerir a Auditoria Geral do Estado, numa antevisão do que seria o choque de gestão hoje aplicado com competência pelo nosso Governador Aécio Neves e pelo Secretário Antônio Augusto Anastasia. Tudo isso graças ao trabalho abnegado e silencioso de nosso grande homem público que não terá a sua memória jamais apagada dos anais da vida pública de Minas e do Brasil.

Homens como AYRTON MAIA não morrem. Do céu continuam como luzeiros a iluminar a história da Magistratura e da vida pública de Minas e do Brasil.

A Igreja de Juiz de Fora e de Minas Gerais muito deve aos pareceres e ao trabalho silencioso de homens da têmpera do Desembargador AYRTON MAIA, que, junto ao seu inseparável companheiro, Desembargador Lúcio Urbano Silva Martins, escrevem páginas de ouro que só Deus, um dia, na comunhão dos santos, poderá descrever.

Como bem escreveu Dom João Bosco Oliver de Faria, Bispo de Patos de Minas acerca de Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida: Dom Luciano foi um livro maravilhoso. Quem leu... leu. Demos graças a Deus. AYRTON MAIA foi um livro maravilhoso. Quem leu... leu. Demos graças a Deus!

## **Nota biográfica**

### **Desembargador Ayrton Maia**

Ayrton Maia nasceu em 8 de julho de 1926, em Juiz de Fora, na Zona da Mata mineira. Era filho de Francisco Maia e Rosa Falci Maia, e casado com Laura Aparecida Guedes Maia, com quem teve dois filhos: Francisco Maia Neto, Advogado e Engenheiro, e Cláudia Regina Guedes Maia, também Desembargadora, e quatro netos: Luis Fillipe, Roberta, João Pedro e Victor.

Fez o curso secundário na Academia do Comércio e Instituto Gramberi de Juiz de Fora, e bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Juiz de Fora, em 13 de dezembro de 1952.

Em 25 de abril de 1957 foi aprovado em concurso público para Magistratura, sendo nomeado para a Comarca de Tombos. Foi promovido por merecimento para as comarcas de Eugenópolis, em 22 de outubro de 1961, Muriaé, em 24 de outubro de 1964 e, em 06 de setembro de 1968, para Belo Horizonte, assumindo a 1ª. Vara Criminal. Foi Diretor do Fórum no período de 1969 a 1971.

Em 1977, também por merecimento, foi promovido ao cargo de Juiz do extinto Tribunal de Alçada, sendo eleito Vice-Presidente deste órgão em 03 de agosto de 1982, cargo que assumiu por pouco tempo, pois em 24 de agosto do mesmo ano, foi promovido por antiguidade a Desembargador do egrégio Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais. Aposentou-se compulsoriamente em 08 de julho de 1996, no cargo de 1º. Vice-Presidente.

Foi Presidente do Tribunal Regional Eleitoral no biênio 1992/1994, onde, anteriormente, nos anos de 1974 e 1976, foi

Membro da Comissão Apuradora das Eleições no Estado de Minas Gerais. Presidente do Tribunal de Justiça Desportiva da Federação Mineira de Futebol de 1992 a 1999; Auditor-Geral do Estado de Minas Gerais de 1999 a 2002 e Presidente da Comissão de Ética Pública do Estado de Minas Gerais de 2004 a 2005.

No magistério, foi professor de “História Geral” no Ginásio de Tombos em 1958, de “Direito Usual” na Escola de Comércio de Muriaé, de 1967 a 1968, e titular da cadeira de “Direito Comercial” no curso de Administração de Empresas da FUMEC, onde ocupou a Presidência de seu Conselho Curador, no biênio 1997/1998. Foi também membro do Conselho Curador da FELUMA - Fundação Educacional Lucas Machado.

Publicou os artigos: “Julgamento antecipado da lide” (1977, Revista Forense e Revista Julgados do Tribunal de Alçada de Minas Gerais), “Locação não residencial ...: denúncia vazia” (1981, Revista Julgados do Tribunal de Alçada de Minas Gerais).

Ao longo de seus 39 anos de dedicação à magistratura mineira foi agraciado com inúmeras condecorações e homenagens: Colar de Mérito Judiciário, Grande Medalha da Inconfidência, Medalha de Honra da Inconfidência, Medalha no Grau Ouro Santos Dumont, Medalha no Grau Prata Santos Dumont, Medalha do Alferes Tiradentes da Polícia Militar de Minas Gerais, Medalha do Mérito Legislativo da Câmara Municipal de Belo Horizonte, Medalha Juiz Cível do Ano de 1976, Medalha no Grau Ouro Coronel Fulgêncio, Medalha Juscelino Kubitscheck, Comenda Ministro Vitor Nunes Leal, Medalha do Mérito Mobiliário, Medalha Comendador Henrique Halfeld, Grã-Cruz do Mérito Judiciário Federal; Cidadão Honorário das cidades de Tombos, Eugenópolis, Muriaé, Cataguases e Belo Horizonte; Título de Cidadão Benemérito de Juiz de Fora.

Foi distinguido com seu nome nos Fóruns Eleitorais das cidades de Juiz de Fora e Uberlândia e no salão do júri da Comarca de Tombos.

Faleceu em 10 de setembro de 2006.

### **Referências**

FAGUNDES, Ezequiel. Ayrton Maia morre em BH, aos 80 anos. *Jornal O Tempo*, Belo Horizonte, 11 set. 2006. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/impressao/?idMateria=60962>>. Acesso em: 18 maio 2007.

MONTEIRO, Norma de Góis; MINAS GERAIS. *Dicionário biográfico de Minas Gerais: período republicano, 1889/ 1991*. Belo Horizonte: Alemg: UFMG, Centro de Estudos Mineiros, 1994. 2v., p. ISBN 858515702X (enc.).

PRECISÃO CONSULTARIA. Currículo: Desembargador Ayrton Maia , Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.precisao.eng.br/cvitae/amaia.html>>. Acesso em: 17 mai 2007.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE MINAS GERAIS. Arquivo de Provimento de Comarcas da Magistratura de Minas Gerais. Belo Horizonte.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE MINAS GERAIS. Missa da Ressurreição em memória de Ayrton Maia, Belo Horizonte, 18 set. 2006. Disponível em: <<http://www.tjmg.gov.br/anexos/nt/noticia.jsp?codigoNoticia=6794>>. Acesso em: 18 maio 2007.

